

2010

EDIÇÃO 31  
NOVEMBRO/DEZEMBRO

R\$10



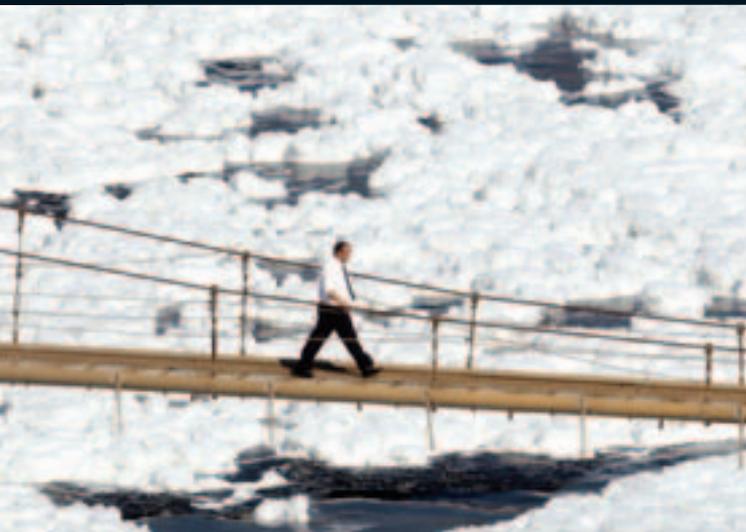
# BRASIL SUSTENTÁVEL

Impresso  
Especial

9912224192 3/8 - DR/RJ  
CEBDS

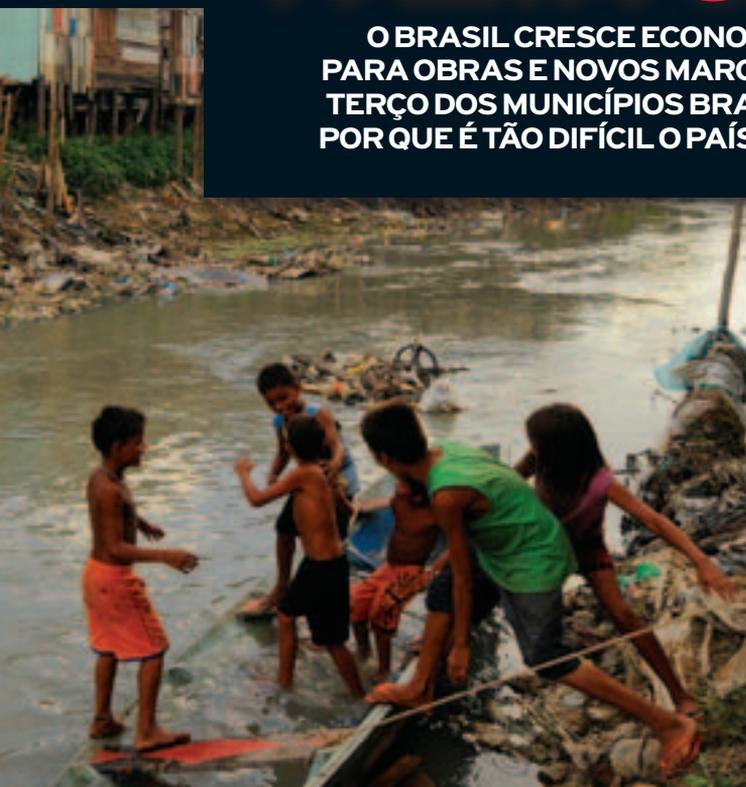
...CORREIOS...

UMA PUBLICAÇÃO DO CONSELHO EMPRESARIAL BRASILEIRO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



## SANEAMENTO: FALTA O BÁSICO

O BRASIL CRESCE ECONOMICAMENTE E HÁ DINHEIRO PARA OBRAS E NOVOS MARCOS LEGAIS, MAS MENOS DE UM TERÇO DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS TRATA SEU ESGOTO. POR QUE É TÃO DIFÍCIL O PAÍS AVANÇAR NESSES SERVIÇOS?



Ontem fui planta,  
hoje sou PET.



A Coca-Cola Brasil inova com a Plant Bottle™. Uma embalagem até 30% à base de cana-de-açúcar, uma fonte renovável, ou seja, diminui a dependência do petróleo e emite menos CO<sub>2</sub>, além de ser 100% reciclável. Um grande passo rumo à garrafa do futuro para você matar a sede de ajudar o mundo.

Saiba mais em  
[www.cocacolabrasil.com.br](http://www.cocacolabrasil.com.br)



Contém até 30% do PET originário de cana-de-açúcar. Garrafa 100% reciclável.



**CEBDS**  
Conselho Empresarial Brasileiro  
para o Desenvolvimento Sustentável

Av. das Américas, 1.155 – grupo 208, 22631-000, Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Tel.: 55 21 2483.2250, e-mail: [cebds@cebds.org](mailto:cebds@cebds.org), site: [www.cebds.org](http://www.cebds.org)

VINCULADO AO  
WORLD BUSINESS COUNCIL FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT (WBCSD)

**PRESIDENTE EXECUTIVA**

Marina Grossi

**CHAIRMAN**

Marcos Bicudo

**PRESIDENTE DE HONRA**

Erling Sven Lorentzen

**CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO**

Carlos Eduardo  
Garrocho de Almeida

Holcim

Franklin Feder  
Alcoa

Gilbert Landsberg  
Shell Brasil

João Batista  
Ferreira Dornellas  
Nestlé

Sidnei Basile  
Abril

Marco Simões  
Coca-Cola

Antonio Carlos  
Manssour Lacerda

Basf

Hélio Ribeiro Duarte  
HSBC

**DIRETORIA**

Vânia Somavilla  
Vale

Jorge Soto  
Braskem

Altair Assumpção  
Grupo Santander Brasil

Wilson Santarosa  
Petrobras

**CÂMARAS TEMÁTICAS**

**ÁGUA**  
PRESIDENTE: Yazmin Trejos  
Amanco

VICE-PRESIDENTE:  
Josemar Picanço  
Coca-Cola

**BIODIVERSIDADE  
E BIOTECNOLOGIA**  
PRESIDENTE: Gloverson Moro  
Syngenta Seeds

VICE-PRESIDENTE:  
Maria Cláudia Grillo  
Petrobras

**COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA  
SUSTENTABILIDADE**  
PRESIDENTE: Eraldo Carneiro  
Petrobras

**CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL**  
PRESIDENTE: Carlos Eduardo  
Garrocho de Almeida  
Holcim

**ENERGIA E MUDANÇA  
DO CLIMA**  
PRESIDENTE: David Canassa  
Votorantim Participações

VICE-PRESIDENTE:  
Renata Araújo  
Vale

**FINANÇAS SUSTENTÁVEIS**  
PRESIDENTE: Wagner Siqueira  
Banco do Brasil

**LEGISLAÇÃO AMBIENTAL**  
PRESIDENTE:  
Enio Viterbo Junior  
Gerdau

**GESTÃO SUSTENTÁVEL**  
PRESIDENTE: Ana Lúcia Suzuki  
Basf

VICE-PRESIDENTE:  
Sue Wolter Vianna  
Petrobras

**EQUIPE CEBDS**

Beatriz Carneiro  
Fernanda Gimenes  
Fernanda Resende

Juliana Queiroz  
Leandro Batista  
Lia Lombardi

Pablo Vázquez  
Phelipe Coutinho  
Silvana Nocito

Sofia Shellard  
Sueli Mendes  
Verônica Oliveira

**ASSOCIADOS CEBDS**

- 3M do Brasil LTDA.
- Abralatas
- Alcoa Alumínio S.A.
- Allianz Seguros
- Amanco Brasil S.A.
- AmBev – Companhia de Bebidas das Américas
- ArcelorMittal Brasil
- Bahia Mineração
- Banco do Brasil
- Basf S.A.
- Bayer S.A.

- BP Brasil LTDA.
- Bradesco S.A.
- Braskem S.A.
- Caixa Econômica Federal
- Chemtech
- Cia. Brasileira de Petróleo Ipiranga
- Cia. Energética de Minas Gerais – Cemig
- Coca-Cola
- Copel
- CPFL Energia

- DNV
- EBX
- Ecopart
- Eletronuclear – Eletrobras Termonuclear S.A.
- Energias do Brasil
- Furnas – Centrais Elétricas S.A.
- Gerdau Açominas S.A.
- Goodyear do Brasil
- Grupo Abril
- Grupo Santander
- Holcim Brasil S.A.

- HSBC
- Itaú Unibanco
- Lorentzen Empreendimentos S.A.
- Michelin
- Monsanto do Brasil LTDA.
- Natura Cosméticos
- Nestlé Brasil LTDA.
- Organização Odebrecht
- Organizações Globo
- Petrobras – Petróleo Brasileiro S.A.
- Philips

- Pirelli Pneus
- Shell Brasil LTDA.
- Solvay do Brasil LTDA.
- Souza Cruz S.A.
- Suzano Papel e Celulose
- Syngenta Seeds LTDA.
- TIM
- Usiminas – Usinas Siderúrgicas de MG S.A.
- Vale
- Votorantim Participações S.A.
- Walmart Brasil

FOTOS DE CAPA: Paulo Whitaker/REUTERS, Sérgio Moraes/REUTERS, BRUNO DOMIGOS/REUTERS e Raphael Alves/Amazonaspress /REUTERS

<b>IMAGEM</b> PONTE SOBRE O RIO NEGRO, LIGANDO MANAUS A IRANDUBA	<b>6</b>	<b>28</b>	<b>ENTREVISTA</b> PAVAN SUKHDEV, O ECONOMISTA QUE DEFENDE A VALORAÇÃO DA NATUREZA
<b>NOTAS</b> CONSTRUÇÕES VERDES, RECICLAGEM, PRÉ-SAL, BANCARIZAÇÃO, RELATÓRIOS	<b>8</b>	<b>32</b>	<b>COP-10</b> PROTOCOLO DE NAGOYA É UM MARCO NA PROTEÇÃO À BIODIVERSIDADE
<b>VIDA NOVA</b> BLOGUEIRO PREMIADO DISCUTE CONSUMO E MEIO AMBIENTE	<b>14</b>	<b>34</b>	<b>LIDERANÇA</b> RODOLFO GUTTILLA, PIONEIRO DA SUSTENTABILIDADE NOS NEGÓCIOS
<b>FERRAMENTA</b> CERTIFICAÇÃO VOLUNTÁRIA NORMA DE AGRICULTURA SUSTENTÁVEL	<b>16</b>	<b>36</b>	<b>SUSTENTÁVEL 2010</b> O DESAFIO DE COMUNICAR SUSTENTABILIDADE EM FATOS CONCRETOS
<b>PANORAMA</b> RELATÓRIO PLANETA VIVO E PROPOSTAS DO BANCO MUNDIAL PARA O CLIMA	<b>18</b>	<b>42</b>	<b>ANO DA BIODIVERSIDADE</b> EMPRESAS BRASILEIRAS MOSTRAM PROJETOS DE PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO
<b>AGENDA</b> PREPARE-SE PARA OS EVENTOS DE NOVEMBRO E DEZEMBRO	<b>20</b>	<b>46</b>	<b>CONTROVÉRSIA</b> CONSUMIR E PRODUZIR CARNE PODE SER SUSTENTÁVEL?
<b>REPORTAGEM DE CAPA</b> SANEAMENTO BÁSICO AINDA CAMINHA A PASSOS LENTOS NO BRASIL	<b>22</b>		

## BIODIVERSIDADE E SANEAMENTO

A décima Conferência das Partes da Convenção da Diversidade Biológica (CDB), realizada entre os dias 18 e 29 de outubro, em Nagoya, no Japão, marcou a história da CDB por duas conquistas importantíssimas.

Uma foi a aprovação do primeiro texto sobre o regime de acesso e repartição dos benefícios advindos dos recursos genéticos. E a outra foi relação estabelecida entre a proteção da biodiversidade e a economia dos países e das empresas.

A conferência ganha espaço generoso nesta edição da BRASIL SUSTENTÁVEL, que traz as notícias da COP, do evento paralelo organizado pelo CEBDS e da publicação lançada no encontro com as experiências de 17 empresas em incorporar a biodiversidade aos negócios. Há ainda uma entrevista exclusiva com Pavan Sukhdev, coordenador do relatório TEEB (The Economics of Ecosystems and Biodiversity), estudo que ajuda a revelar o valor econômico da biodiversidade e dos ecossistemas e se mostra como um dos mais importantes documentos já lançados sobre o tema.

A relação do homem com o meio ambiente também é tema da reportagem de capa que trata do saneamento básico no Brasil. Vamos expor uma flagrante contradição brasileira: enquanto

internacionalmente defendemos posições de vanguarda na proteção da biodiversidade, até hoje não conseguimos implementar uma política de saneamento capaz de assegurar a conservação ambiental e a saúde da população.

A Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, divulgada em 2009 pelo IBGE, revela que apenas 44% dos domicílios brasileiros tinham acesso à rede de esgoto e só 28% dos municípios tratavam o esgoto coletado. As 81 maiores cidades despejam 6 bilhões de litros de esgoto, diariamente, em rios e no mar, causando impacto na biodiversidade.

A curva de degradação pode ser invertida. Já dispomos de tecnologia, no Brasil e no mundo, para tratar o esgoto doméstico ou industrial, devolvendo água limpa ao meio ambiente ou reaproveitando a água tratada. Os ganhos na melhoria da saúde dos moradores ou na recuperação dos ecossistemas são incalculáveis. A solução está em políticas públicas transparentes e indutoras, contemplando a participação das empresas e da sociedade na definição de regras e nos empreendimentos.

Marina Grossi

## DIRETO DO CONSELHO

### Produção e consumo

O CEBDS e o Ministério do Meio Ambiente promoveram um encontro no dia 3 de novembro, no Rio de Janeiro, para debater o Plano de Ação para Produção e Consumo Sustentáveis (PPCS). Entre os consensos da reunião, vale destacar a associação do plano à Política Nacional de Resíduos Sólidos, aprovada pelo Congresso e sancionada pelo governo federal. Pelo CEBDS, além de Marina Grossi, estiveram presentes ao debate Daniela de Fiori, do Walmart; Fabiano Lima, da Philips; e Eduardo Ramos, da Holcim.

### Contribuição do CEBDS

O CEBDS participou da produção e do lançamento da quarta edição do Boletim Regional, Urbano e Ambiental do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). A coordenadora da Câmara Temática de Mudanças do Clima, Sofia Shellard, é coautora de um dos artigos da publicação, abordando a aplicação do Reed no Brasil. Lançada em setembro, em Brasília, a edição repassa alguns dos assuntos mais relevantes que serão discutidos na 16ª Conferência do Clima, a COP-16, que será realizada em dezembro em Cancun, no México.

### Sustentável 2011 já começou

O 4º Congresso Internacional sobre Desenvolvimento Sustentável já está a todo vapor. O CEBDS promoveu reuniões do Comitê Consultivo nas cidades do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Brasília nos dias 3, 4 e 5 de novembro. O comitê é composto por membros de governo, mídia, setor acadêmico e ONGs. O Sustentável 2011 será na zona portuária do Rio de Janeiro, em maio do próximo ano, e irá abordar durante dois dias e meio o Rio 2012 e a publicação Visão 2050, lançada neste ano pelo Conselho Mundial e traduzida para o português pelo CEBDS.

BRASIL  
SUSTENTÁVEL

EXPEDIENTE

REPORT COMUNICAÇÃO  
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 3-530  
- 5º andar - Jd. Paulista -  
São Paulo - SP - CEP 01402-001  
telefone: 55 11 3051.8400  
e-mail: report@reportcomunicacao.com.br

**Direção**  
Álvaro Almeida (MTB: 45384)  
Estevam Pereira (MTB: 21302)

**Conselho editorial**  
Ana Lúcia Suzuki (Basf)  
Carlos Eduardo Garrocho  
de Almeida (Holcim)  
Enio Viterbo Junior (Gerdau)  
Eraldo Carneiro (Petrobras)  
Luís César Stano (Petrobras)  
Sue Wolter Vianna (Petrobras)  
Yazmin Trejos (Amanco)  
Wagner Siqueira (Banco do Brasil)

**Coordenação**  
CEBDS  
Marina Grossi  
Lia Lombardi  
Fernanda Resende e Sueli Mendes  
(Assessoria)

**Edição**  
Fátima Cardoso (redatora-chefe)  
Alessandra Pereira,  
Álvaro Penachioni, Beto Gomes,  
Daniela Vianna, Fernando Badó,  
Raquel Sabrina e Rita Nardy  
(editores)  
Conrado Loiola, Michele Silva,  
Paula Andreggheto, Paulo César  
Pereira, Pedro Michepud  
e Silvia Wargaftig  
(repórteres)

**Fotografia**  
Ricardo Corrêa

**Direção de arte**  
MENTES DESIGN  
Marcel Votre  
Marcio Penna

**Revisão**  
Assertiva Produções Editoriais

**Administrativo**  
Cristina Almeida (diretora)  
Cícero Gomes

**Financeiro**  
Carlos Nascimento

**Publicidade**  
SÓLIDA CONCEITUAL  
Telefone: 55 21 3154.9450, e-mail:  
marketing@solidaconceitual.com.br  
Marcia Alvaredo (diretora)  
Melissa Canero e Michel Santos  
(executivos de atendimento)

Jefferson Eduardo (marketing)  
Denise Barreto (gerente financeira)

**Impressão**  
Ediouro

**Tiragem**  
5 mil exemplares

A revista BRASIL SUSTENTÁVEL é uma publicação do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS). Os artigos não refletem necessariamente a opinião do CEBDS, sendo de responsabilidade dos articulistas e entrevistados.



IMAGEM

# PONTE DA DISCÓRDIA

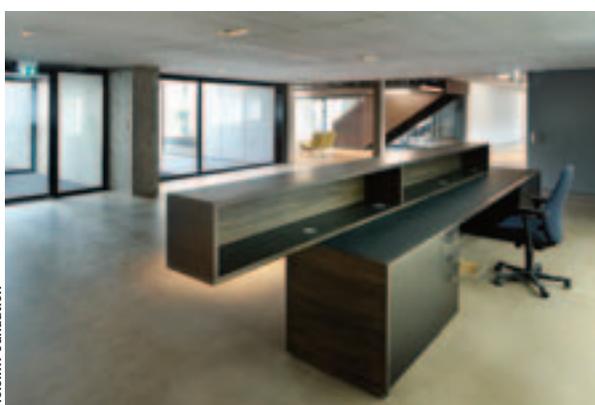
Sem alarde, a ponte estaiada sobre o Rio Negro, de 3,5 km, ligando Manaus a Iranduba, na margem sul, já tem seus 74 pilares cravados no rio. Depois de inaugurada, o que deve acontecer em breve, a ponte será a maior do Brasil sobre uma área de água doce. Com ela, surge a sonhada ligação por terra de Manaus com o resto do país, consolidando, também, o asfaltamento futuro da BR319, a Porto Velho - Manaus, que deve abrir ao desmatamento o intacto sudeste do Amazonas. Há projetos para controlar esse impacto, mas que ele virá, virá.

FOTO: Marcus Melo

# NOTAS

«EDIÇÃO FÁTIMA CARDOSO»

CONSTRUÇÕES VERDES • PESQUISA • RECICLAGEM



Sede da IUCN, na Suíça: ONG ligada a causas ambientais adota soluções práticas, como o prédio que provoca menos impactos na construção e no uso

HolcimFoundation

## Escritório sustentável

A International Union for Conservation of Nature (IUCN) inaugurou, em julho, um novo escritório central em Gland, na Suíça. O prédio, chamado de Centro de Conservação e projetado pelo escritório suíço agps.architectures, foi erguido em menos de dois anos e é considerado um marco para a construção de escritórios sustentáveis. “Todos nós temos a obrigação de reduzir nossa pegada de carbono. Algumas características verdes, como as paredes feitas de material reciclado e concreto térmico e os sensores de luz, vão mostrar que o comportamento

sustentável pode se traduzir em benefícios para o equilíbrio econômico”, afirma a diretora-geral da IUCN, Julia Marton-Lafèvre.

Entre as características da construção estão a captação de água de chuva para irrigação e utilização nos banheiros, um parque solar que redireciona a energia para a rede elétrica local, a iluminação de baixo consumo e o uso de energia geotérmica para aquecimento. Essa é a primeira construção europeia voltada para escritórios que busca a certificação LEED Platinum (da LEED, dos EUA) e a Minergie Eco-P (da Minergie,

Suíça), os mais altos níveis desses selos de normatização de prédios verdes. Além da IUCN, o edifício abriga outras organizações, como a Fundação Mava, a convenção de Ramsar e a Associação Mundial de Zôos e Aquários.

O foco da IUCN, uma instituição que reúne organizações ambientais de vários países, é “ajudar o mundo a encontrar soluções pragmáticas para os maiores desafios ambientais e de desenvolvimento”. Como afirmou Julia Marton-Lafèvre, o novo prédio demonstra que a IUCN pretende “walk the talk” – traduzindo, “fazer o que fala”. **[Pedro Michepud]**

## Mosquito transgênico contra a dengue

Após receber o Certificado de Qualidade em Biossegurança (CQB) da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), a Biofábrica Moscamed Brasil está entrando em nova fase no projeto de combater a dengue por meio do *Aedes aegypti* transgênico. Os mosquitos transgênicos, produzidos em laboratório, serão testados em campo, no Vale do São Francisco.

O projeto Mosquitos geneticamente modificados tem participação de pesquisadores do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo, da empresa britânica Oxitec e da Moscamed, que é uma organização social vinculada ao Ministério da Agricultura. O *Aedes aegypti* nascido nos laboratórios são

James Gathany/CDC



*Aedes aegypti* em ação: modificação genética fará com que descendentes tenham vida breve

machos geneticamente modificados para produzir descendentes que nasçam com uma deficiência nas asas. Ao sair da fase de larva, esses mosquitinhos deficientes não conseguem voar e morrem. Assim, a população de mosquitos decresce. Ao lado de outras medidas preventivas, como a conscientização da população para

eliminar os criadouros (água limpa e parada), os mosquitos transgênicos podem ajudar a combater a doença, que, segundo a Organização Mundial da Saúde, infecta 50 milhões de pessoas por ano em todo o mundo. Somente no Brasil, nos oito primeiros meses de 2010, foram registradas 530 mortes provocadas pela dengue.

## Ao plástico retornarás

Reaproveitar objetos plásticos é uma excelente iniciativa para reduzir o volume de material descartado nos lixões. E é isso que faz a campanha GP de Reciclagem Braskem, uma parceria entre a empresa do setor petroquímico, a Prefeitura de São Paulo e a Plastivida – entidade que promove a utilização correta de plástico do ponto de vista socioambiental.

A iniciativa consiste em mobilizar os cidadãos paulistanos a realizarem o descarte seletivo dos resíduos

plásticos – em postos de coletas específicos – para que sejam transformados em um tipo de “tábua plástica”, utilizada depois na fabricação de móveis (como estantes e bancos) e utensílios domésticos (vasos e lixeiras, por exemplo).

O projeto foi apresentado entre os dias 4 e 7 de novembro, durante o GP do Brasil de Fórmula 1, no autódromo de Interlagos, na capital paulista, onde a Braskem montou uma miniusina de reciclagem e mostrou o processo aos fãs da

categoria presentes. Além de reduzir o volume de plástico descartado (que levaria centenas de anos para se decompor em lixões ou aterros), a tábua plástica tem como vantagens a excelente durabilidade e um visual agradável, especialmente para áreas externas, além de dispensar o uso de verniz ou tinta. Veja mais detalhes no site da Braskem: [www.braskem.com.br/gpreciclagem](http://www.braskem.com.br/gpreciclagem). **[Fernando Badô]**

Divulgação Petrobras

# PRÉ-SAL em números

Nos próximos dez anos, a indústria brasileira deverá receber encomendas de US\$ 400 bilhões para desenvolvimento da infraestrutura e a construção dos equipamentos necessários à exploração do petróleo da camada pré-sal. O cálculo é do estudo *Agenda de Competitividade da Cadeia Produtiva de Óleo e Gás Offshore no Brasil*, elaborado pela consultoria internacional Booz & Company para a Firjan (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro) e a Onip (Organização Nacional da Indústria do Petróleo).

A demanda por equipamentos foi dividida em seis áreas: sísmica, exploração e avaliação, construção de petroleiros e barcos de apoio, desenvolvimento da produção (como perfuração de poços), construção de unidades de produção (como as plataformas) e construção de sondas. Até 2020, quando a produção de petróleo brasileira deve praticamente dobrar, chegando a 1,8 milhão de barris diários, deverão ser gerados entre 1,7 e 2,1 milhões de empregos nessa cadeia, e a demanda acumulada por equipamentos e insumos será:

<b>Aço</b>	<b>1,8 a 2 milhões de toneladas</b>
<b>Tubos</b>	<b>70 a 80 mil toneladas</b>
<b>Válvulas</b>	<b>100 a 120 mil</b>
<b>Propulsores</b>	<b>350 a 400</b>
<b>Geradores</b>	<b>350 a 400</b>
<b>Cabos elétricos</b>	<b>5 a 6 mil km</b>

Exploração avança sobre o mar: até 2020, R\$ 400 bilhões serão despejados para extrair petróleo lá do fundo

## Alô? Crédito para você

Em parceria com a Claro, o Bradesco e o Banco do Brasil estão oferecendo contas em que o valor da tarifa mensal é convertido em benefício para o cliente usar o telefone celular. Tanto no Pacote Bônus Celular do BB como na Conta Bônus Celular Bradesco, o valor da tarifa pode ser transformado em créditos no pré-pago ou em minutos nos planos pós-pagos.

A iniciativa impulsiona e une dois mercados em expansão nas classes C e D — o dos celulares e o do acesso aos serviços bancários. E também amplia a base tecnológica para que esse público use o banco de forma simples e remota.

Não por acaso, o Bradesco anunciou, no início de novembro, uma parceria com a Claro para oferecer serviços bancários por meio de SMS, em que o correntista pode efetuar operações simples, como consultas a saldo e últimos lançamentos. Outra novidade, o Bradesco Celular no Chip — também chamado de GSM Banking —, trará uma oferta mais ampla de serviços, como pagamentos de contas ou transferência de valores. Para isso, os *chips* da Claro terão uma pré-programação que permitirá acessar esses serviços.



O Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) lança em dezembro próximo a sexta edição do Relatório de Sustentabilidade Empresarial.

O RSE traz novidades em relação aos documentos anteriores. Além de divulgar informações técnicas de indicadores de sustentabilidade, dentro dos padrões do GRI (Global Reporting Initiative), o relatório deste ano apresentará casos concretos das ações empreendidas pelo próprio CEBDS e por suas empresas associadas que protagonizam a construção de um modelo de negócios sustentável.

A novidade do quarto RSE reflete também a transformação interna do CEBDS. Como instituição líder, com a missão de integrar os princípios e práticas do desenvolvimento sustentável, assumimos o desafio de nos reinventarmos para vencer os complexos desafios econômicos, sociais e ambientais.

Realização



Patrocinador Oficial



Patrocinadores



## Brasil precisa evoluir

Dois anos após a primeira pesquisa *Global Reporters* realizada no Brasil, a SustainAbility e a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS) publicam a edição 2010 do estudo *Rumo à Credibilidade 2010*. O projeto, que tem como objetivo analisar a qualidade dos relatórios de sustentabilidade publicados no Brasil e encorajar as empresas brasileiras a aprimorar o relato de suas atividades, teve como vencedor a Natura. Em seguida, vieram Sabesp, Celulose Irani, EDP, Vale, Coelce, Itaú, Ampla, Even e Light. De acordo com o estudo, apesar da melhora nos padrões de relatório, o desempenho global ainda é considerado “mediano comparado aos equivalentes internacionais”.

Para Clarissa Lins, coordenadora de pesquisa no Brasil do *Rumo à Credibilidade*, os méritos do estudo são avaliar os relatórios de acordo com os padrões globais e seu potencial de apontar caminhos para melhorias no relato. “É de grande importância o monitoramento da evolução do comportamento de reporte das empresas brasileiras ao longo dos anos. Mas talvez o grande mérito seja trazer uma série de recomendações para que as empresas brasileiras possam se aprimorar e mostrar seus resultados e realizações também no cenário internacional”, afirma. Para ler o relatório completo, basta acessar [bit.ly/aE00mN](http://bit.ly/aE00mN). **[Fernando Badô]**

## Rumo à credibilidade

Os dez melhores relatórios de sustentabilidade publicados no Brasil



1. Natura
2. Sabesp
3. Celulose Irani
4. EDP
5. Vale
6. Coelce
7. Itaú
8. Ampla
9. Even e Light\*

**Fonte:** Rumo à Credibilidade 2010 (FBDS, SustainAbility)

\*Os dois relatórios obtiveram a mesma pontuação



Gotas em pó: para líquidos perigosos

## Grãos de água

É água, mas não molha. O produto apresentado por Ben Carter, pesquisador da Universidade de Liverpool, pode ser considerado uma “água seca” – ou grãos de gotas d’água envoltas em uma capa de sílica, com formato muito semelhantes ao dos adoçantes em pó. Esses grãos, divulgados por Carter durante o 240º Encontro Nacional Americano da Sociedade Química, possuem cerca de 95% de água em sua composição, mas não servem para tomar banho ou matar a sede. A “água seca”, entretanto, possui propriedades que a permitem captar três vezes mais dióxido de carbono da atmosfera que a água “molhada”. Em aplicações práticas, o invento ajuda na criação de emulsões em pó de líquidos que não se misturam, como água e óleo, e no aumento da segurança e facilidade para armazenar líquidos potencialmente perigosos. **[Pedro Michepud]**

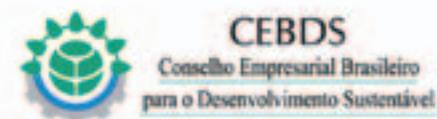
O Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) lança a versão em português do relatório “Visão 2050, a nova agenda para as empresas”.

Realizado pelo World Business Council for Sustainable Development (WBCSD), o estudo traça um caminho para que, em 2050, a população global (estimada em nove bilhões de pessoas) possa ter qualidade de vida, dentro dos limites dos recursos do planeta.

O relatório apresenta novas oportunidades para as empresas de uma ampla gama de segmentos, com objetivo de produzir uma agenda de negócios capaz de atender de forma generosa e equilibrada as demandas sociais e ambientais. O documento aponta os chamados *must haves* - o que precisa acontecer nas próximas décadas para tornar possível a formação de uma sociedade sustentável.



### Realização



### Patrocinadores



# VIDA NOVA

«EDIÇÃO FÁTIMA CARDOSO»

INICIATIVAS PESSOAIS TRANSFORMADORAS

Arquivo pessoal

Bruno no Pico das Agulhas Negras, em Itatiaia (RJ), na viagem que deu origem ao *blog*

## PUBLICITÁRIO ANTICONSUMO

AUTOR DE *BLOG* PREMIADO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS, BRUNO REZENDE QUESTIONA SUA PROFISSÃO E RELACIONA O CONSUMO EXCESSIVO A PROBLEMAS AMBIENTAIS

REPORTAGEM SILVIA WARGAFTIG

“**COMEÇOU** como uma brincadeira.” É assim que o fluminense Bruno Rezende, de 28 anos, apresenta a história de seu *blog*. Em junho de 2009, ele se juntou a mais três amigos de infância, todos estudantes de engenharia ambiental, em uma viagem a Itatiaia, no interior do Rio de Janeiro, para escalar o Pico das Agulhas Negras. Decidiu levar sua antiga câmera e filmar a aventura. Colocou o vídeo na internet, para compartilhar com os amigos, e repetiu as gravações nas duas viagens seguintes. “O pessoal foi gostando e, em setembro, resolvi criar o *blog* para centralizar os vídeos. A proposta era só essa”, conta Bruno. O nome escolhido foi Coluna Zero, uma sátira do grupo de ecoturistas, que, embora adore fazer trilhas e escaladas, sofre de problemas na coluna vertebral.

Um infortúnio, porém, acabou mudando o rumo do *blog*: a câmera quebrou poucos dias depois de sua estreia. “Pensei: ‘esse negócio não pode parar agora’. Então, lembrei dos vários questionamentos que levantava na faculdade, e decidi unir as questões de meio ambiente e de sustentabilidade às de consumo e de *marketing* – que, afinal, tem tudo a ver com problemas ambientais.” O interesse pelo meio ambiente, ele comenta, vem desde criança, quando viajava para o interior de Minas Gerais com a família.

A improvisação deu certo, e o que começou como brincadeira acabou se transformando no melhor *blog* sobre o tema do mundo. Em junho de 2010, menos de um ano após sua criação, o Coluna Zero recebeu o Prêmio Especial Mudanças Climáticas no concurso The Bobs, realizado pela Deutsche

Welle, empresa internacional de comunicação da Alemanha. O concurso avalia *blogs* em 11 idiomas, e o júri é composto por representantes de diferentes países. Esse foi o primeiro ano da categoria de mudanças climáticas.

Ironicamente, o prêmio veio do mesmo modo com que o *blog* nasceu: meio sem querer. “Eu me inscrevi por acaso, achei que fosse uma rede social. Depois, recebi um *e-mail* falando que eu era finalista e, só então, entendi que tinha entrado em um concurso de *blogs* do mundo. Foi totalmente acidental”, recorda. Para ele, um dos maiores méritos do *blog* é oferecer, de fato, informações, e não apenas notícias. “A imprensa mostra os fatos do ponto de vista dela e ninguém contesta. No *blog*, dou outro ponto de vista, e, quando um internauta faz um comentário, mostra um terceiro ponto de vista. Assim, surgem vários olhares sobre a mesma coisa, e isso é informação”, define.

Outro mérito do Coluna Zero é o texto fácil, rápido e curto, característico da redação publicitária. “Ler um artigo de meio ambiente é chato. Por isso, uso exemplos que sejam mais próximos do dia a dia”, destaca. Quando sente necessidade de um conhecimento técnico, o autor recorre aos amigos engenheiros.

A receita tem funcionado melhor do que Bruno esperava. Sua ideia inicial era focar o público jovem, de 18 a 20 anos, por meio de uma linguagem leve e descontraída. Pelos comentários que recebe, porém, notou que metade dos leitores é de profissionais de áreas relacionadas, na faixa entre 40 e 50 anos. A média diária de acessos é de 450, e a maioria dos comentários são elogios. “Um ou outro critica, e xingamentos são raros. Para evitar mal-entendidos, aviso que o que escrevo não é absoluto, somente um ponto de vista”, defende-se.

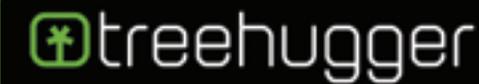
Para Bruno, o *blog* se transformou em um trabalho, que deveria ser paralelo, se ele não estivesse desempregado desde que o criou. Ainda assim, enfatiza que não pretende usá-lo como fonte de renda, veiculando publicidade. “Na Alemanha, todos perguntavam como eu ganhava dinheiro no *blog*. Eu não ganho, porque não faria sentido estimular o consumo e, ao mesmo tempo, argumentar contra ele”, explica. E acrescenta: “Já apareceu gente tentando vender de tudo, como bolsas ecológicas, mas é nítido que não há preocupação alguma com o produto, como controle de fornecedores ou gestão integrada. A pessoa só quer vender com o apelo ambiental”.

Por meio do Coluna Zero, Bruno acredita que pode contribuir para a conscientização ambiental e a disseminação de uma nova cultura, ao mesmo tempo em que aprende com seus leitores. O reconhecimento que recebeu com o prêmio internacional o motivou ainda mais a continuar. “O mundo é tão grande para se discutir, e, no *blog*, tenho como fazer isso”, conclui. **[BS]**

## RADAR

### Roupa suja se lava em *blog*

Uma das maiores fabricantes mundiais de produtos de cuidados com a roupa, a Unilever lançou uma campanha mundial chamada Por um Planeta mais Limpo (PPL). Além de aprimorar os produtos e os processos de produção, para provocar cada vez menos impacto ambiental, o programa também incentiva o consumidor a adotar hábitos mais sustentáveis no seu dia a dia. Para mostrar, com ações reais, como é possível transformar o cotidiano, o site [www.porumplanetamaislimpo.com.br](http://www.porumplanetamaislimpo.com.br) hospeda também um *blog*, em que três blogueiros são desafiados a realizar semanalmente duas tarefas relacionadas à sustentabilidade. Depois de cumpri-las, os participantes postam textos, fotos e vídeos no *blog*, explicando como conseguiram – ou não – cumprir os desafios.

treehugger

### Abraçador de ironias

O termo *tree hugger* (“abraçador de árvore”, em tradução livre) é pejorativo na língua inglesa. Seria algo equivalente a “eco-chato”, mas com mais sarcasmo. Por isso, quando decidiu criar um site exclusivamente sobre meio ambiente, em 2003, o designer Graham Hill aproveitou a ironia. Desde então, o endereço [www.treehugger.com](http://www.treehugger.com) traz notícias relacionadas ao tema em diversas editorias, como tecnologia, arquitetura, alimentação e beleza. Seu objetivo é ser o principal canal de mídia dedicado a popularizar a sustentabilidade, em diversas áreas, mas de um jeito descontraído. Foi assim que se tornou referência no tema, tanto para a imprensa quanto para consumidores e empresas. Além das notícias, o site disponibiliza jogos, quizzes e espaços de discussão, e promove ações de engajamento, como um guia de compras verdes, com dicas para identificar os produtos que causem menos impactos ambientais.

# FERRAMENTA

«REPORTAGEM CAROL KANEBLEY»

INDICADORES, SELOS, NORMAS, GUIAS, CERTIFICADOS  
E MÉTODOS DE FOMENTO À INOVAÇÃO NAS CORPORAÇÕES

CERTIFICAÇÃO NORMA DE AGRICULTURA SUSTENTÁVEL  
DA REDE DE AGRICULTURA SUSTENTÁVEL (RAS)

## AGRICULTURA CERTIFICADA

PRODUTORES RECEBEM O SELO RAINFOREST ALLIANCE CERTIFIED™  
E GANHAM MAIS MERCADO

### O que é?

A Norma de Agricultura Sustentável é uma certificação voluntária que tem o objetivo de encorajar propriedades agrícolas a analisar e mitigar os riscos ambientais e sociais causados por atividades agrícolas, por meio de um processo que motiva a melhoria contínua. A norma foi criada em 1992 pela Rede de Agricultura Sustentável (RAS) e, desde então, já foram emitidos mais de 600 certificados para cerca de 60 mil empreendimentos em 25 países, totalizando mais de 500 mil hectares distribuídos entre 22 tipos de cultivo, como café, cacau, banana e chá. As propriedades certificadas recebem o selo Rainforest Alliance Certified™, cedido por uma das oito organizações integrantes da RAS, a Rainforest Alliance (EUA).

A RAS, cuja missão é integrar agricultura produtiva, conservação da biodiversidade e desenvolvimento humano, é composta por oito organizações conservacionistas, independentes e sem fins lucrativos. Por meio da certificação, essas entidades promovem a conservação ambiental, a melhoria nas condições de vida dos trabalhadores rurais e o desenvolvimento da região onde a propriedade agrícola se insere. As outras sete instituições participantes da rede são: Salvánatura (El Salvador), Fundación In-

teramericana de Investigación Tropical (Guatemala), Fundación Natura (Colômbia), Corporación de Conservación y Desarrollo (Equador), Pronatura Chiapas (México), Icade (Honduras) e Imaflores – Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Brasil).

### Quais as vantagens?

Embora a certificação não garanta que o preço do produto será maior do que o do não certificado, o mercado tem mostrado uma preferência pelos produtos com o selo. Dependendo do mercado e da qualidade do produto, o ágio pode chegar a 15%, como é o caso do café. Outros produtores conseguem a garantia da venda para grandes empresas, como a Unilever, que se comprometeu a ter, até 2015, todo o seu fornecimento de chá certificado. Para tanto, a Unilever já aplicou a norma em sua fazenda de chá no Quênia e estimula a certificação de todos os seus fornecedores.

De acordo com Daniella Macedo, agrônoma e coordenadora de certificação do Imaflores, “a aplicação da norma acarreta melhorias na gestão das fazendas, como maior controle sobre as atividades, economia na aplicação de fertilizantes e maior produtividade”. Em parâmetros socioambientais, nota-se o aumento na qualidade e quantidade

de água nas propriedades em decorrência da preservação e recuperação de APPs (Áreas de Proteção Permanente) – um dos critérios da norma, além do aumento da satisfação dos funcionários, que recebem remuneração mais justa.

A agrônoma afirma, ainda, que a certificação traz um novo olhar para os produtores, que passam a ter mais consciência ambiental, e torna as relações entre patrões e funcionários melhores. “O envolvimento com a temática desperta também para outros assuntos, como o cuidado com o solo e a melhoria do plantio. A relação do produtor com o processo de produção muda”, completa Daniella.

### Como funciona?

No mundo todo, a certificação é voluntária e o texto da norma é o mesmo, havendo somente adaptações de auditoria de acordo com a legislação de cada país, que deve ser cumprida para o recebimento do selo. O escopo da auditoria é sempre a propriedade inteira. Isso significa que, ainda que o produtor tenha dez lavouras diferentes e queira certificar apenas uma, toda a infraestrutura da fazenda será auditada, incluindo as áreas de processamento e embalagem e as áreas de conservação e habitação, assim como todos os trabalhadores afetados pelo impacto causado pelas atividades.

A norma é composta por 100 critérios que se dividem entre 10 princípios: Sistema de Gestão Social e Ambiental; Conservação de Ecossistemas; Proteção da Vida Silvestre; Conservação de Recursos Hídricos; Tratamento Justo e Boas Condições para os Trabalhadores; Saúde e Segurança Ocupacional; Relações com a Comunidade; Manejo Integrado do Cultivo; Manejo e Conservação do Solo; e Manejo Integrado de Dejetos. Para obter e manter a certificação, a propriedade deve cumprir 15 critérios



Divulgação

Agricultura produtiva, conservação da biodiversidade e desenvolvimento humano são objetivos da certificação RAS

críticos, um mínimo de 50% dos critérios dentro de cada princípio, e ao menos 80% dos critérios totais.

O custo de obtenção da certificação é somente o do gasto com auditoria e depende do tamanho da fazenda e do deslocamento da equipe de auditores. Para a RAS, é paga apenas uma anuidade fixa de US\$ 3 por hectare plantado, com um teto máximo de US\$ 5 mil. Anualmente, a propriedade deve comprovar a melhoria contínua de seus processos e solucionar não conformidades prévias para manter a certificação. A Imaflores, única certificadora no Brasil, também recebe denúncias e prevê auditorias-surpresa para verificar o cumprimento da norma. “Diversas propriedades já perderam a certificação por não demonstrar melhoria ou não solucionar as não conformidades”, afirma Daniella. [BS]

### MÓDULO CLIMA

Esteve em consulta pública, até o dia 25 de outubro, a versão preliminar do Módulo Clima para a Norma de Agricultura Sustentável. De acordo com o novo documento, serão adicionados à norma 24 critérios voluntários que tratam de questões específicas relacionadas à redução de emissões de gases de efeito estufa (GEE). O objetivo é motivar produtores a ter maior compromisso com as

questões relacionadas com adaptação e mitigação das mudanças climáticas.

Os benefícios esperados do Módulo Clima são, por exemplo, a elegibilidade do produtor para programas de pagamento de serviços ambientais e o acesso a mercados, negócios e consumidores com critérios de responsabilidade sobre o clima. As propriedades que cumprirem os critérios do módulo

estarão mais bem preparadas para enfrentar os possíveis efeitos das mudanças climáticas, como alteração no padrão de chuvas e escassez de água.

A segunda versão do texto estará disponível para consulta no site do Imaflores (www.imaflora.org), logo após a adaptação às mudanças sugeridas na primeira consulta pública.

# PANORAMA

«EDIÇÃO DANIELA VIANNA | REPORTAGEM PEDRO MICHEPUD»

PEGADA ECOLÓGICA • ENERGIA  
COOPERAÇÃO • FILOSOFIA • MUDANÇAS CLIMÁTICAS

## Planeta Vivo... Até quando?

[ ESTUDO ]

Enquanto os aspectos sociais, econômicos e ambientais da sustentabilidade estiverem em uma gangorra com dois de um lado e um de outro, será difícil chegar ao equilíbrio que poderá assegurar a manutenção da vida (como se conhece hoje) no planeta. Essa foi uma das conclusões do relatório *Planeta Vivo 2010*, do WWF, realizado em parceria com a Sociedade Zoológica de Londres e a Global Footprint Network e lançado em outubro. O que vemos, hoje, é a biodiversidade de “castigo”, enquanto a demanda crescente por riquezas e a satisfação do bem-estar são priorizadas.

O estudo, que relaciona o Índice Planeta Vivo — um indicador da “saúde” da biodiversidade mundial — com a Pegada Ecológica e a Pegada Hidrológica, mostra que a pegada mais do que dobrou desde os anos 1960, enquanto o índice sofreu uma redução de 30%. Nos países tropicais e nos mais pobres, essa queda atingiu 60% em menos de 40 anos. Ou seja, enquanto a saúde do planeta piora, são usados cada vez mais recursos naturais para atender às necessidades das sociedades que o habitam, como comida, energia e vestuário.

O índice é resultado de indicadores ambientais conjugados, obtidos a partir do monitoramento de 8 mil populações de mais de 2.500 espécies animais e vegetais. Entre as soluções apontadas para compensar o atual desequilíbrio, estão: a otimização do uso da terra para produção de combustíveis, alimentos e biomateriais; a reeducação alimentar da sociedade; e o investimento maciço no aumento da biocapacidade do planeta. A íntegra do estudo está disponível para *download* em <http://www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/>.

## Vila de energia

[ JOGO ]

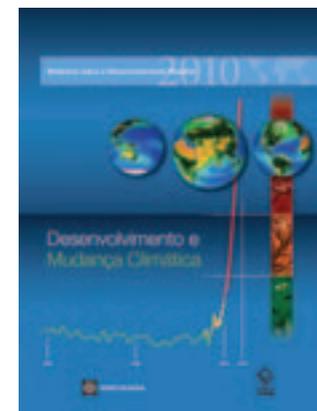
A escolha da matriz energética gera impactos econômicos, ambientais e sociais no presente e no futuro. Pensando nisso, a Chevron, uma das maiores produtoras energéticas mundiais, criou o jogo Energyville, que estimula os participantes a escolher os tipos de energia para abastecer uma cidade fictícia. As opções são: biomassa, carvão, petróleo, gás natural, nuclear, solar, eólica, hidrogênio e xisto betuminoso. Com duas fases temporais (2009-2015 e 2015-2030) e design parecido com o do Sim City (lançado em 1989), o jogo faz previsões de como cada tipo de energia pode impactar no dia a dia das cidades. Ganha quem faz as melhores escolhas, gerando menos impactos. Para jogar, basta acessar <http://bit.ly/a18HPj>.



## Para além do diagnóstico

[ LIVRO ]

Analisar a atual situação mundial e apresentar propostas para combater as mudanças decorrentes do aumento da temperatura média do planeta. Essa é a principal proposta do livro *Desenvolvimento e mudança climática*, o 32º relatório do Banco Mundial sobre desenvolvimento sustentável. Fazendo interconexões entre economia, ciência, energia, tecnologia, finanças e governança, a publicação propõe saídas para que os países enfrentem os desafios das mudanças climáticas, integrando as possibilidades de desenvolvimento econômico, social e ambiental às políticas públicas internacionais.



**Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 2010 – Desenvolvimento e Mudança Climática**  
AUTORIA: Banco Mundial (Bird)  
EDITORA: Unesp (440 páginas)  
PREÇO SUGERIDO: R\$ 60



## War do bem

[ JOGO ]

Competir para cooperar. Esse é o objetivo do WeAtheR — um jogo *online*, lançado pelo Greenpeace. Em vez de dominar o território alheio e declarar “guerra”, como ocorria no tradicional jogo de tabuleiro War, no WeAtheR ganham os que unirem forças aos demais jogadores para criar estratégias, solucionar crises ambientais e salvar o planeta. Para isso, vale recrutar e treinar ativistas e desenvolver ações colaborativas para impedir um colapso mundial. No jogo, cada tabuleiro virtual permite a até quatro jogadores desenvolver ações conjuntas para solucionar crises ambientais emergentes e crônicas. O jogo está em português e pode ser acessado por meio do link <http://bit.ly/bpbvo>.

## Devemos, não negamos...

[ LIVRO ]

Abordando diferentes aspectos da sociedade atual, como guerras étnicas, superpopulação e problemas ambientais, *Vida a crédito* revisita as ideias do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, mostrando suas opiniões sobre a globalização econômica e a massificação do pensamento e do conhecimento sob a ótica do que ele chama de “modernidade líquida”. O livro é um compilado de entrevistas concedidas pelo professor emérito da Universidade de Leeds (Inglaterra) à jornalista mexicana Citlali Rovirosa-Madrazo. Bauman reafirma suas críticas ao sistema capitalista, por meio da análise, sob aspectos morais e políticos, da crise econômica global de 2008 e da atual estrutura social, caracterizada pela transição de uma sociedade de populares para uma sociedade de consumidores (e devedores).



**Vida a Crédito**  
AUTOR: Zygmunt Bauman  
EDITORA: Zahar (252 páginas)  
PREÇO SUGERIDO: R\$ 34

# AGENDA

« EDIÇÃO E TEXTO FERNANDO BADÔ »

RPPNs • ONGs • BELEZA • ARQUITETURA

## ATÉ 6 DE DEZEMBRO

**REALIZAÇÃO:** CI Brasil e Repams  
**LOCAL:** Nagoya, Aichi, Japão  
**MAIS INFORMAÇÕES:** [tel] (67) 3025-7462  
[site] [www.conservation.org.br](http://www.conservation.org.br)  
[e-mail] [biologia@repams.org.br](mailto:biologia@repams.org.br)

## 4º edital de incentivo às RPPNs do Pantanal

As Reservas Particulares do Patrimônio Natural, ou RPPNs, são áreas nas quais a decisão de proteger recursos naturais e paisagens parte do proprietário. O edital, promovido pela ONG Conservação Internacional Brasil em parceria com a Associação de Proprietários de RPPN do Mato Grosso do Sul (Repams), visa criar novas RPPNs em propriedades rurais no estado. Podem solicitar apoio ao programa proprietários de RPPNs e interessados em criar reservas em suas áreas, desde que possuam documentação completa e atualizada da propriedade, com reserva legal averbada. O edital está disponível no *site* da CI Brasil.

## ONG Brasil – Feira e Congresso Internacional de ONGs

**REALIZAÇÃO:** United Business Media Limited – UBM Brasil  
**LOCAL:** São Paulo (SP)  
**MAIS INFORMAÇÕES:** [tel] (11) 4689-1935  
[site] [www.ongbrasil.com.br](http://www.ongbrasil.com.br)

O principal objetivo da ONG Brasil é aproximar a iniciativa privada das ONGs, fundações e instituições, bem como dos seus projetos, incentivando-a a comprometer-se com práticas de responsabilidade socioambiental. Em 2009, o evento teve repercussão internacional e foi incorporado ao calendário mundial da UBM. Sem fins lucrativos, o evento oferece a cada entidade um estande de 9 m<sup>2</sup> para divulgar projetos e atividades e promover seu trabalho com outras organizações. A programação completa está no *site* do evento.

## Beleza Sustentável 2010

**REALIZAÇÃO:** Ambiente Global Eventos  
**LOCAL:** Centro de Eventos La Rocca, Juiz de Fora (MG)  
**MAIS INFORMAÇÕES:** [tel] (32) 3231-6622  
[site] <http://bezasustentaveljf.com.br>  
[e-mail] [contato@crzanini.com.br](mailto:contato@crzanini.com.br)

O evento tem como objetivo estimular o desenvolvimento da sustentabilidade pessoal, para que o indivíduo se torne espiritualmente consciente, mentalmente alerta, emocionalmente equilibrado, fisicamente saudável e, claro, financeiramente próspero. Os participantes serão apresentados a técnicas que podem proporcionar melhor qualidade de vida. Entre os palestrantes estão especialistas como o professor de educação física Nuno Cobra, que, durante anos, foi *personal trainer* do piloto brasileiro Ayrton Senna.

## Fórum Ecotech – Desafios e Tendências para uma Arquitetura Sustentável

**REALIZAÇÃO:** AEA Cursos  
**LOCAL:** Novotel Jaraguá Conventions, São Paulo (SP)  
**MAIS INFORMAÇÕES:** [tel] (11) 2626-0101  
[site] [www.forumecotech.com.br](http://www.forumecotech.com.br)

Em sua 5ª edição, um dos principais encontros do Brasil sobre arquitetura e construção sustentável procura repetir a fórmula de sucesso das edições anteriores e compartilhar com profissionais brasileiros do setor a experiência europeia a respeito de materiais e matrizes energéticas que, utilizados em obras, oferecem menos impactos. Na programação, há palestras com especialistas de renome internacional que compartilharão propostas e soluções de vanguarda no campo da arquitetura e da construção sustentável. As inscrições custam R\$1.200,00 e podem ser feitas pelo *site* do evento.

Sustentável 2010  
Ciclo de Encontros sobre Sustentabilidade e Gestão Responsável



O Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) convida você para participar do encontro sobre "Rede de Mercados Inclusivos: uma oportunidade de negócios", que será realizado no próximo dia 23 de novembro, no Hotel Pestana em Salvador.

Com inscrições gratuitas e aberto a representantes de todos os setores da sociedade, o encontro acontece no momento em que se discute um novo caminho para reverter o cenário de pobreza e desigualdade social.

A estratégia proposta visa à inclusão social pela via do fortalecimento da base da pirâmide, abrindo oportunidades concretas para transformar excluídos em fornecedores e consumidores. Vamos discutir e entender melhor como funciona a rede de mercados inclusivos, que proporciona vantagens para toda cadeia de valor – do pequeno fornecedor à grande empresa.

O evento na capital baiana é o terceiro e último encontro do Sustentável-2010, que discutiu durante este ano outros dois temas fundamentais: Cidades e Mudanças Climáticas, no Rio de Janeiro; e Comunicação e Educação para a Sustentabilidade, em Porto Alegre.

**Acreditamos que a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável depende de uma ampla mobilização da sociedade. Participe e seja um agente da sustentabilidade.**

Participe do Ciclo de Encontros do Sustentável 2010 pela Internet.

Inscrições pelo site  
[www.sustentavel.org.br](http://www.sustentavel.org.br)



25 A 27 DE NOVEMBRO

27 DE NOVEMBRO

2 E 3 DE DEZEMBRO

# URGÊNCIA SEM PRESSA

**APESAR DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, DA DISPONIBILIDADE DE FINANCIAMENTO, DO PAC E DAS NOVAS LEGISLAÇÕES, AS OBRAS CONTINUAM TÃO NECESSÁRIAS QUANTO NA DÉCADA DE 1980. POR QUE OS SERVIÇOS NÃO AVANÇAM?**

**REPORTAGEM PAULA ANDREGHETO E SILVIA WARGAFTIG**

**Q**UASE TODOS os brasileiros têm celular e TV, e a grande maioria tem geladeira em casa, mas muitos até hoje não se livraram do esgoto correndo à porta de casa, da paisagem nojenta agredindo os olhos, do miasma insultando os narizes e a dignidade. Nem São Paulo, cidade mais rica do país, escapa desse vexame. Nos leitos dos seus principais rios, o Tietê e o Pinheiros, corre um líquido malcheiroso e sem vida, que só com boa vontade se pode chamar de água, contaminada por esgoto sem tratamento. É assim também nos igarapés de Manaus, como é assim pelo país afora, onde a falta de saneamento básico afeta diretamente os indicadores sociais, econômicos e ambientais.

O cenário atual do Brasil mostra grandes desigualdades sociais, gastos elevados com saúde pública e crescente degradação do meio ambiente, além de impactos em atividades econômicas, como o turismo. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, mais de 15 mil pessoas morrem por ano no Brasil em consequência de diarreia, uma das principais doenças provocadas por água de má qualidade.

Historicamente, o país patina nas questões de saneamento. A população brasileira sempre sofreu com a falta de políticas públicas e projetos estruturados no setor. Antes da década de 1970, as ações eram pontuais, sem visão de longo prazo. O assunto começou a ganhar força e a ser trabalhado de forma mais estruturada com a criação do Plano Nacional de Saneamento (Planasa), que propôs, por meio de recursos oferecidos pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), a fundação de companhias estaduais para trabalhar ativamente e de forma integrada. Entretanto, por uma série de problemas referentes à má gestão e à ausência de capacitação, o sistema faliu. “O BNH era o grande provedor dos recursos para saneamento e habitação. Depois, foi herdado pela Caixa Econômica Federal, e iniciou-se o grande buraco negro do saneamento no Brasil, que se estendeu mais ou menos de 1985 a 2005”, afirma Newton Lima Azevedo, vice-presidente da Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib). Azevedo também é consultor do Instituto Trata Brasil, uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP) dedicada à mobilização e à discussão a respeito do saneamento.

A falta de organização e de monitoramento do setor no país refletiu nos atuais resultados. Em 2000, 52,2% dos municípios no país possuíam sistema de coleta de esgoto. Oito anos depois, a melhora foi de apenas três pontos percentuais. Mais grave ainda foi o índice de tratamento de esgoto, que, em 2008, não contemplava nem um terço dos municípios: 28,5% do total. Olhando o mesmo dado por outro ângulo, a rede de coleta de esgoto alcança apenas 44% dos domicílios brasileiros. Os números são da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNBS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em convênio com o Ministério das Cidades.

Ainda que a evolução dos índices tenha sido lenta, foi cumprida a meta do Programa de Aceleração do Crescimento 2007-2010 (PAC) de atingir 55% de municípios com rede coletora de esgoto. Entretanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido. “Os índices apontados pela PNSB demonstram boa cobertura de abastecimento de água, limpeza urbana e coleta de resíduos, mas revelam um desafio maior no que diz respeito à coleta e ao tra-

Menos de um terço dos municípios brasileiros trata o esgoto: água poluída traz mau cheiro, doenças e mortes

Ministro Fortes: coletar e tratar esgoto são os grandes desafios

tamento de esgoto”, reconhece o ministro das Cidades, Marcio Fortes de Almeida. Criado em 2003, o Ministério das Cidades desde então centraliza os investimentos federais em infraestrutura urbana.

## A IMPORTÂNCIA DA LEI

Marcos recentes na questão foram a aprovação, em janeiro de 2007, e a regulamentação, em junho de 2010, da Lei 11.445, que estabelece diretrizes para o saneamento básico no Brasil. Entre as orientações está a criação do Plano Nacional de Saneamento Básico (Plansab), que até hoje não saiu do papel. “Enquanto isso, os investimentos seguem a partir do PAC”, ressalta o ministro Fortes. Ele acrescenta que não se aprovam mais projetos de habitação sem rede de água e de esgoto, inclusive no programa Minha Casa, Minha Vida, criado para facilitar o financiamento de imóveis novos à população de baixa renda e melhorar os índices de habitação no país.

Até o fim de 2010, o PAC deve cumprir a meta de investir R\$ 40 bilhões em saneamento, e já anunciou mais R\$ 45 bilhões no PAC 2, de 2011 a 2014. De acordo com o ministro, o valor também é suficiente para atingir as metas de

# SANEAMENTO

saneamento dos Objetivos do Milênio, até 2015, estipulada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Contudo, diferentes estudos mostram que o valor não é suficiente para cobrir tantos anos de atraso.

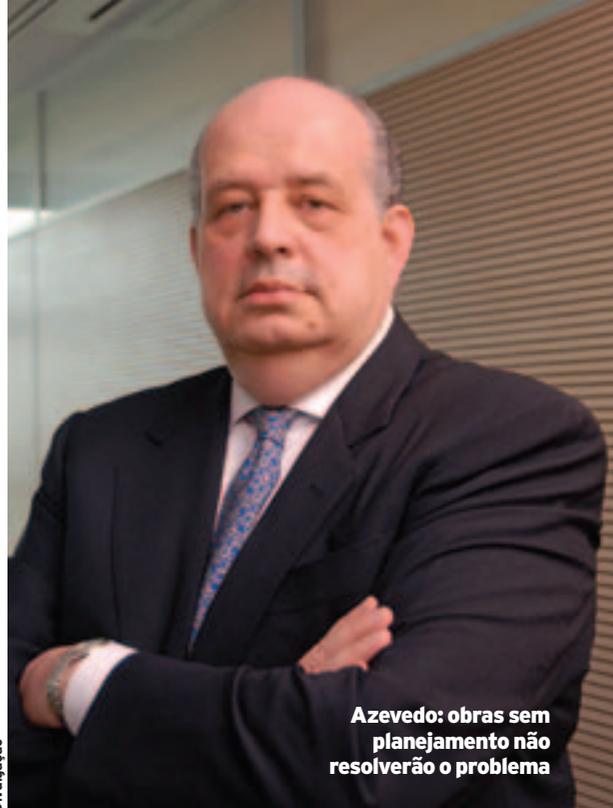
“A defasagem é crônica pela falta de investimentos para cobrir o déficit e atingir a universalização do atendimento”, afirma João Alberto Viol, presidente do Sindicato da Arquitetura e da Engenharia (Sinaenco). Segundo ele, um trabalho apresentado no Congresso de Engenharia Sanitária e Ambiental, em 2009, mostra que, mantidos os níveis de investimento no período de 2003 a 2009, a universalização do abastecimento de água e do esgotamento sanitário acontecerá em 2075. Estimativa mais otimista, mas ainda não muito promissora, é a da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária (Abes), que aponta um investimento de R\$ 240 bilhões e conclusão da universalização em 2034. Uma pesquisa da Abdib concluiu que, com aportes anuais de R\$ 13,5 bilhões, a meta pode ser alcançada em 20 anos.

Com o fim da primeira etapa do PAC e o anúncio da segunda, além da regulamentação da lei de saneamento e da aprovação da política de resíduos sólidos, o Brasil vive um momento importante, com oportunidades para decidir novos rumos e atingir a universalização do saneamento básico. Alguns especialistas mostram-se otimistas; outros, nem tanto. Todos concordam, porém, em um ponto: há gargalos significativos a serem solucionados.

## LEI SEM POLÍTICA

Apesar de positivos, os números anunciados pelo governo não são comemorados por todos no setor, principalmente por causa da lentidão dos avanços. Azevedo, do Instituto Trata Brasil e da Abdib, aponta outro problema: “O que me preocupa é a possibilidade de, daqui a alguns anos, descobriremos uma série de esqueletos do PAC. Ou seja, obras feitas sem planejamento, que não funcionam, como estações de tratamento de esgoto sem rede coletora. Por isso, se não há um planejamento, não se resolve o problema”.

A urgência de desenhar o plano nacional de saneamento é unanimidade entre os especialistas, e Gesner Oliveira, presidente da Companhia de Saneamento Básico de São Paulo (Sabesp), é ainda mais enfático nas críticas. Para ele, sem o planejamento, o marco regulatório não contribui efetivamente para o setor. “A lei foi aprovada em 2007, vai completar quatro anos, e ainda nada foi feito. É completamente irresponsável.” Sobre o PAC, ele acredita que seu único mérito é ser uma ótima “peça publicitária”. “O governo federal dá dinheiro para as obras que interes-



**Azevedo: obras sem planejamento não resolverão o problema**

Divulgação

sam politicamente e não para as prioridades, de acordo com um plano estabelecido tecnicamente.”

Oliveira destaca como gargalos do setor a falta de gestão e as altas taxas de imposto – que aumentaram mais em 2003, com a elevação da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Nacional (Cofins). “É um absurdo, o saneamento é excessivamente tributado. A lei 11.445 continha um artigo que desonerava o setor, mas foi vetado pelo presidente Lula.” Sua proposta é de que a taxa seja zero, sob o argumento de que, a cada R\$ 1 gasto com saneamento, R\$ 4 são economizados com saúde pública. Atualmente, a Sabesp paga quase R\$ 500 milhões à Cofins, e, no país todo, o volume é de cerca de R\$ 2 bilhões, ao mesmo tempo em que o investimento total é de R\$ 6 bilhões.

## 300% DE SANEAMENTO

Depois do Distrito Federal, o estado de São Paulo possui a melhor cobertura de saneamento do Brasil, com 82,1% dos domicílios. A Sabesp é uma das grandes responsáveis por isso, atendendo 365 de seus 645 municípios. Atualmente, 122 possuem o que Oliveira chama de 300% de saneamento: 100% de distribuição de água, 100% de coleta e 100% de tratamento de esgoto. A meta é que a universalização dos serviços seja atingida pelos 356 municípios até 2018. Segundo a Secretaria Estadual de Saúde, de 1995 a 2008, a mortalidade infantil em São Paulo caiu de 24,5% para 12,5%. O presidente da Sabesp – uma empresa de economia mista, na qual o estado é o maior acionista – credita grande parte do êxito em saneamento à priorização do tema nas políticas públicas do governo estadual.

## NOVAS REGRAS PARA O LIXO

Depois de se arrastar por 19 anos no Congresso, a Política Nacional de Resíduos Sólidos foi finalmente aprovada e sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em agosto. A lei traz novas perspectivas para se trabalhar a questão do lixo no país, pois antes dela o Brasil não tinha nenhuma legislação que tratasse de maneira ampla e estruturada os resíduos sólidos produzidos. Para o presidente do Compromisso Empresarial para a Reciclagem (Cempre), Victor Bicca, a nova política é um marco legal na discussão dos resíduos sólidos no país. “A nova lei servirá de guia para todas as outras normas que tratam de resíduos, em nível nacional, estadual e municipal, de forma coordenada e organizada”, afirma.

A política estabelece novas regras para lidar com o lixo, como a substituição de todos os lixões por aterros sanitários, a criação de iniciativas para difundir a coleta seletiva pelo país, a adoção de sistemas de logística reversa (destinação adequada de produtos) e o incentivo a linhas de financiamento para cooperativas ou associações de catadores de materiais reutilizáveis. “A lei determinou a obrigatoriedade em logística reversa em algumas cadeias. Isso implica pegar um produto que está na ponta e levar para a destinação adequada, seja uma reciclagem ou um reúso”, explica Bicca.

Para desenhar e implementar a logística reversa, o governo criou um instituto chamado Acordo Setorial e definiu as categorias de produtos que o processo deve abranger, como eletroeletrônicos, agrotóxicos, embalagens, pneus, lâmpadas e baterias. Todos os segmentos que compõem a cadeia produtiva debaterão sobre o gerenciamento dos produtos no final da vida útil. “Empresas, fabricantes, indústrias, varejo, governo, órgãos de defesa dos consumidores e catadores vão definir como as coisas serão feitas, qual será a abrangência do acordo setorial, quais as metas futuras e o que fazer com os resíduos produzidos”, detalha Bicca. “O pacto, que terá obrigações, direitos e penalidades, será validado com o poder público. Cria-se então o comprometimento de todos. E o município tem a grande tarefa de criar coleta seletiva e acabar com os lixões”.



Reuters

**Política de resíduos sólidos prevê inclusão social dos catadores e remuneração pelo serviço prestado**

Outro ponto importante da lei é a inclusão social dos catadores de lixo. Hoje, estima-se que exista 1 milhão de catadores de lixo no país, dos quais aproximadamente 20% estão organizados em cooperativas. O Ministério do Trabalho possui capacitação de catadores, porém, segundo Bicca, ainda é muito limitado. O presidente do Cempre acredita que o Acordo Setorial é uma forma de ampliar as iniciativas, além de contribuir para a formação de novas cooperativas. Legalmente constituídas, as organizações de catadores podem ser contratadas pelos municípios e, assim, devidamente remuneradas pelo serviço. Atualmente, dos 5.565 municípios do Brasil, somente 443 possuem programas de coleta seletiva.

“O que a lei traz de realmente inovador é o princípio de responsabilidade compartilhada, no qual todos da cadeia produtiva são responsáveis pela destinação dos resíduos, do fabricante ao consumidor. Se algum dos eixos falhar, o sistema não funciona”, avalia Bicca. “Precisamos ver a política não como uma solução e, sim, como um horizonte, um propósito que necessita ser alcançado. É um processo que está em desenvolvimento.” Com os projetos em vista, a lei de resíduos sólidos exige investimentos de aproximadamente R\$ 6,1 bilhões para os próximos quatro anos, e a sua regulamentação deve ocorrer até o fim de 2010.

A opinião de Oliveira é compartilhada por Roberval Tavares, diretor para a Região Sudeste da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Abes), para quem a política pública é o principal gargalo do saneamento brasileiro. “Apesar do estabelecimento de um marco regulatório, as políticas públicas ainda são fracas, o que explica o grande descompasso entre todas as regiões do país. Por isso, do ponto de vista de saneamento, o PAC é um fracasso”, argumenta. Ele explica que política pública significa manter o tema na pauta do governo, para que ele possa ser discutido diariamente, com metas claras de universalização. Somente dispor de contornos legais, segundo ele, não é suficiente.

Os contornos legais, no entanto, são vistos como uma grande contribuição da lei para a evolução das ações de saneamento, na interpretação de Newton Lima Azevedo, da Abdib. “As regras do jogo voltam a existir, temos uma nova identidade. A legislação caracteriza um ambiente jurídico-institucional seguro, que, associado ao ambiente macroeconômico estável, torna viáveis os investimentos de longo prazo”, afirma. Azevedo considera que uma das maiores contribuições do marco regulatório é a inclusão das empresas privadas, pois acredita que somente com elas é possível obter recursos e capacidade técnica para atingir a universalização do atendimento no Brasil. “O maniqueísmo do setor público e do setor privado está ficando para trás”, anima-se.

E o dinheiro? Dinheiro não falta. Essa é outra unanimidade entre os especialistas da área. PAC, FGTS, Caixa Econômica Federal, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e outros fundos internacionais disponibilizam linhas de financiamento para projetos de saneamento básico em países em desenvolvimento. “Mas não basta haver recurso disponível, é preciso que haja visão de mercado. Os fundos de investimento são exigentes e avaliam capacitação tecnológica, estrutura de governança e preocupação com o cliente”, pontua Azevedo.

### FALTA GESTÃO EFICIENTE

A Lei de Saneamento Básico prevê novas perspectivas para lidar com as principais deficiências do setor no Brasil hoje, a partir de um planejamento adequado (Plansab), de uma gestão eficaz, da criação de uma agência regulatória e de uma fiscalização mais rigorosa. Estabelecidos como pontos fundamentais da nova lei, esses fatores contemplam os principais gargalos do setor no país. Na opinião do presidente do Sindicato da Arquitetura e da Engenharia (Sinaenco), João Alberto Viol, os maiores pro-

## GARGALOS DO SANEAMENTO

- Falta de políticas públicas
- Alta carga tributária
- Baixa qualidade de projetos
- Falta de planejamento
- Baixa capacitação de profissionais técnicos e gestores públicos
- Má gestão dos serviços

blemas estão na falta de planejamento, de projetos adequados e de uma gestão pública eficiente. “No Brasil, há carência de planejamento. Planejar é decidir com antecedência, ou seja, identificar as demandas, estabelecer as prioridades, estruturar adequadamente os projetos e, finalmente, realizar as obras”, afirma o engenheiro.

Entre 1990 e 2008, 50 milhões de pessoas obtiveram acesso a condições sanitárias adequadas, mas a rede de coleta chegou a apenas 50% dos brasileiros. Para um bom planejamento, o desenvolvimento do setor deve acompanhar o aumento da população no país. “Temos avançado, mas em um ritmo inferior ao crescimento das cidades. Em 1970, éramos 90 milhões de habitantes, dos quais 50 milhões viviam nas cidades e 40 milhões, na área rural. Em 2008, passamos a ser aproximadamente 190 milhões, com 165 milhões nas cidades, ou seja, 86% da população”, afirma o vice-presidente de saneamento da Associação Brasileira dos Fabricantes de Materiais para Saneamento (Asfamas), Carlos Rosito.

O professor do Departamento de Engenharia Hidráulica e Sanitária da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), José Carlos Mierzwa, compartilha essa opinião e complementa que a falta de um plano adequado, de comprometimento dos órgãos responsáveis e de profissionais capacitados está entre as principais causas dessa situação. “Falta um mecanismo eficiente para garantir a implementação do saneamento no país. As prioridades variam de acordo com as pessoas que ocupam cargos de tomada de decisão.” E acrescenta: “Se os recursos forem destinados prioritariamente a pequenos municípios, mas as regiões metropolitanas permanecerem com baixos níveis de tratamento, os investimentos serão subutilizados.” Os números da pesquisa do IBGE comprovam seu argumento. Embora apenas 28,5% dos municípios brasileiros tratem o esgoto, o volume



Vital Santos

**Para João Viol, falta de capacitação dos profissionais afeta a qualidade dos projetos em saneamento**

tratado corresponde a 68,8% do total gerado no país.

De acordo com o ministro das Cidades, Marcio Fortes, o Plansab determinará um planejamento de médio e longo prazo para o setor, no qual serão estabelecidas metas concretas para os próximos 20 anos. “Os planos de saneamento determinarão as prioridades a serem alcançadas, calculando os recursos necessários e definindo os responsáveis por cumprir cada meta”, afirma.

Também é preciso considerar a demanda por projetos estruturados. Fortes ressalta a necessidade de um período de maturação para desenvolver as obras de saneamento, que oscila entre três e cinco anos. “Vale lembrar que, a cada nova seleção e contratação de projetos, o percentual relativo de conclusão de obras do PAC se altera. As contratações começaram em 2008 e se estenderam para 2009 e 2010. Quando chamamos os governadores e prefeitos a Brasília para priorizar as obras na área de saneamento, não havia projetos prontos. Há muito tempo não se realizavam investimentos de magnitude no setor, que estava desmobilizado”, justifica o ministro das Cidades. O problema, ele explica, deve ser resolvido com um programa de investimento

## VÁRIAS SOLUÇÕES SÃO APONTADAS, MAS NADA SERÁ RESOLVIDO SEM PLANEJAMENTO

contínuo, que permita às prestadoras de serviço buscar mais eficiência e mantenha o mercado aquecido, com demandas de qualificação e aprimoramento da gestão.

Um problema estrutural, que afetou a engenharia brasileira nos últimos 20 anos, é a capacitação dos profissionais. Com a crise econômica prolongada, não houve uma formação adequada nem uma reposição das equipes, o que abalou diretamente a produção e a qualidade dos projetos. “Perdemos quadros técnicos para a área financeira. Hoje, necessitamos de políticas públicas, de recursos e de tempo para recuperar a nossa capacidade de atendimento”, afirma o presidente da Sinaenco, João Alberto Viol.

### MENOS DESPÉRDICIO

Outro ponto a ser trabalhado é a gestão das questões de saneamento do Brasil. Em 2008, a média de desperdício de água (volume perdido desde a coleta até o consumidor final), por exemplo, era de 37,6%. Porém, esse número não representa a real desigualdade encontrada hoje, já que no Nordeste a perda é de aproximadamente 45% e, em algumas cidades do país, chega a ser menor que 15%. “Sem sonhar com a situação dos grandes líderes mundiais, como Tóquio e Cingapura, onde o desperdício é inferior a 5%, poderíamos nos fixar no objetivo de atingir, em 25 anos, um valor de 23% de perda de água na média nacional”, afirma Carlos Rosito, da Asfamas.

Apesar de todos os gargalos levantados, os profissionais mais confiantes veem o atual momento como economicamente favorável. “É importante ressaltar que o Brasil está em grande destaque no cenário mundial após a recente crise internacional”, avalia Viol, da Sinaenco. “Com a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016, precisamos mostrar ao mundo um país capaz de receber o turista internacional com os requisitos de um país organizado e moderno. O saneamento faz parte desse cenário. Perdemos um precioso tempo até a data atual, mas ganharemos tempo se pensarmos que as tarefas são: planejar, planejar e planejar”, finaliza Viol. [BS]

# ENTREVISTA

PAVAN SUKHDEV

Alex Trebus



“Quando atribuímos um valor monetário aos bens naturais, os líderes empresariais passam a ter instrumentos que lhes permitem avaliar o impacto dos seus negócios sobre a sociedade e, quem sabe, tomar melhores decisões”

## O BANQUEIRO DA NATUREZA

O COORDENADOR DO PIONEIRO ESTUDO ECONOMIA DOS ECOSISTEMAS E DA BIODIVERSIDADE, QUE ATRIBUI VALOR AOS SERVIÇOS AMBIENTAIS, ACREDITA QUE A ECONOMIA VERDE É UM ESTÍMULO, E NÃO UM EMPECILHO AO DESENVOLVIMENTO

ENTREVISTA REGINA SCHARF

**O ECONOMISTA** indiano Pavan Sukhdev é como o deus romano Janus – uma criatura de duas faces. Uma delas é a do alto executivo do Deutsche Bank formado pela Universidade de Oxford que ajudou a modernizar os mercados financeiros de seu país natal. A outra é a de uma das maiores autoridades mundiais em valoração da biodiversidade e dos negócios sustentáveis. Sukhdev é conselheiro especial da iniciativa de Economia Verde do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, que trabalha para que a exploração sustentável do capital natural se transforme em regra. Lançada pelo Pnuma em 2008, no auge da crise financeira global, a Economia Verde está levantando os efeitos que o investimento em energias renováveis e tecnologias de baixo impacto tem sobre a macroeconomia e a renda da população. O documento resultante deverá ser publicado no início de 2011.

“Uma economia mais sustentável não é empecilho, mas um estímulo ao desenvolvimento”, diz Sukhdev. “Há uma percepção geral de que temos de optar entre a geração de empregos e a Economia Verde. Não encontramos evidência disso – ao contrário. A Economia Verde gera empregos decentes e é essencial para a eliminação da pobreza em longo prazo.” Ele exemplifica com o caso de Uganda, onde 85% da população vive da agricultura. Desde 2004, o número de produtores orgânicos subiu de 45 mil para 200 mil e, graças a isso, o país africano aumentou consideravelmente suas exportações de baunilha, gengibre e abacaxis. “Não há revolução sem custos, como foi o caso da Revolução Industrial. Mas, no caso da Economia Verde, os lucros vão ultrapassar os custos”, diz Sukhdev.

Ele também coordena o estudo *Economia dos Ecossistemas e da Biodiversidade* (TEEB, na sigla em inglês), uma iniciativa pioneira, patrocinada por diversos países europeus, que pretende atribuir um valor monetário

aos serviços prestados pela natureza, uma busca que ele classifica como uma “obsessão pessoal”. O TEEB é frequentemente comparado ao Relatório Stern. Divulgado em 2006, o estudo promovido pelo governo britânico e coordenado pelo economista Nicholas Stern mapeou os possíveis impactos do aquecimento global sobre a economia. O TEEB, na mesma linha, pretende inserir a biodiversidade num contexto econômico. Seu relatório final foi lançado em outubro, em Nagoya, no Japão, durante a Conferência das Partes da Convenção da Biodiversidade.

Sukhdev costuma atribuir sua conversão à área ambiental a uma dúvida de uma amiga. “Ela me perguntou: ‘você que é banqueiro pode me dizer por que algumas coisas têm valor monetário e outras não?’ Eu entendi a pergunta, mas não tinha uma resposta.” Ele começou a se aprofundar no assunto até descobrir o clássico *Blueprint for a Green Economy*, publicação do final dos anos 80 escrita pelo economista David Pearce, que abriu seus olhos para a necessidade de inserir a natureza nos cálculos econômicos.

Nesta entrevista à **BRASIL SUSTENTÁVEL**, Sukhdev fala como governos e empresas estão começando a acordar para o real valor dos recursos naturais.

**BRASIL SUSTENTÁVEL** A economia sempre ignorou o valor da natureza. O ar, a água e as florestas nunca foram incorporados à contabilidade das empresas e dos países. O senhor tem encontrado evidências de que esse paradigma está mudando?

**PAVAN SUKHDEV** Não sabemos o que é a economia, porque mais da metade dela é invisível. Isso não é nada bom. O valor econômico da natureza e seus serviços não é capturado pelos mecanismos atuais. Uma vez que você conhece esse valor, você faz

o que é óbvio. Ninguém destrói, voluntariamente, a sua própria casa, mas estamos destruindo os nossos melhores bens de produção: os recursos ambientais. Nós não faríamos isso com um carro ou uma fábrica – então por que fazê-lo com uma floresta? Mas isso está começando a mudar.

**BS Um dos relatórios preliminares produzidos pelo TEEB estima que a floresta amazônica presta um serviço à agricultura avaliado em US\$ 1 bilhão a US\$ 3 bilhões em virtude da sua capacidade de regular o ciclo das águas na América do Sul. Isso sem contar seu papel na retenção e na fertilização do solo ou na conservação da biodiversidade. O conhecimento desse valor muda, de alguma forma, a atitude dos empresários da região?**

**PS** Ainda não, mas pelo menos eles começaram a se dar conta de algo que não percebiam. As empresas precisam começar a reconhecer o impacto de seus negócios sobre os bens naturais coletivos globais – a água doce, as florestas, a biodiversidade. Quando atribuímos um valor monetário a esses bens, os líderes empresariais passam a ter instrumentos que lhes permitem avaliar o impacto dos seus negócios sobre a sociedade e, quem sabe, tomar melhores decisões. Se soubéssemos o tamanho do custo de um derramamento de petróleo, talvez a decisão de investir em tecnologias de proteção não seria tão difícil. A propósito, é interessante notar que uma série de entrevistas com CEOs de vários países indicou que 53% dos executivos latino-americanos reconhecem que a perda da biodiversidade pode representar um grande risco para os seus negócios.

**BS E o senhor vê evidências de que não se trata de mera conversa, que eles efetivamente atuam de acordo com essa preocupação?**

**PS** Algumas empresas da América Latina têm obtido sucesso admirável na forma com que incorporam a biodiversidade aos seus negócios. Um bom exemplo é a Natura, que conquistou uma grande fatia do mercado de cosméticos e de produtos de higiene.

**BS Mas histórias como essa ainda são casos isolados, praticamente anedóticos, não?**

**PS** Na verdade, existem muitas iniciativas em grande escala extremamente bem-sucedidas. Boa parte das histórias de sucesso da Economia Verde está ocorrendo em países em desenvolvimento. Na China, 40 milhões de casas, cerca de 10% do total de residências, são dotadas de sistemas de aquecimento solar de água, para responder a um problema de saúde – boa parte da população de idosos sofre de artrite. Bangladesh tem um projeto realmente impressionante, que instalou mais de 300 mil geradores fotovoltaicos em aldeias. Isso responde a outro problema de saúde: essas comunidades rurais estão expostas à intoxicação pela fumaça produzida pelos lampiões a querosene. A meta é instalar os geradores fotovoltaicos em 1,5 milhão de residências até 2012 e chegar a 7,5 milhões de casas em 2015. Se isso acontecer, o programa estará melhorando a qualidade de vida de metade da população do país. Outro exemplo: na Índia, o governo emprega mais de 3 milhões de pessoas extremamente pobres das zonas rurais em projetos de reflorestamento e na recuperação de rios e represas. Esses exemplos não são globais, mas são extremamente relevantes. Para que esses modelos sejam mais difundidos, as pessoas



“Ninguém destrói voluntariamente sua própria casa, mas estamos destruindo os nossos melhores bens de produção: os recursos ambientais. Não faríamos isso com um carro ou uma fábrica – então por que fazê-lo com uma floresta?”

terão de reconhecer as suas vantagens econômicas e multiplicá-los.

**BS Que nichos de negócios o senhor considera mais promissores para os investidores que querem incorporar um modelo mais sustentável, mas ainda assim conseguir bons resultados?**

**PS** Em princípio, as áreas de energias renováveis, tratamento de resíduos e silvicultura e agricultura sustentáveis são bastante interessantes, mas é difícil sugerir investimentos nesses negócios enquanto os governos não eliminarem os subsídios nocivos. Os empresários querem participar de um jogo justo e, para que isso ocorra, têm de trabalhar, ajudando a influenciar os governos de modo que estes modifiquem suas posturas. Para que as coisas mudem mais rapidamente, precisamos antes introduzir mudanças importantes nas políticas de governo. Teremos de repensar, por exemplo, como é calculado o Produto Interno Bruto, um indicador bastante limitado para avaliar o desenvolvimento econômico das nações. O crescimento do PIB não se traduz em melhor saúde e educação ou redução da pobreza. Esse é um problema realmente sério.

**BS O senhor poderia dar alguns exemplos do tamanho desses incentivos?**

**PS** O melhor exemplo é o dos subsídios dados ao petróleo e ao gás natural. Segundo dados da Agência Internacional de Energia, em 2009, governos de 30 países distribuíram mais de US\$ 550 bilhões em subsídios ao preço desses produtos. Algo semelhante ocorre no setor agrícola. O modelo tradicional de agricultura, que promove alto impacto ambiental, incluindo a perda de solos, a eutrofização das águas e a dispersão de pesticidas, também recebe altíssimos subsídios, na faixa de US\$ 275 bilhões anuais, em nível global. Boa parte desse dinheiro vai para a aquisição de fertilizantes industrializados, extremamente nocivos para a saúde da população. O mesmo pode ser dito sobre a indústria da pesca. Os grandes pescadores recebem hoje uma ajuda anual na faixa de US\$ 27 bilhões, o que está levando a uma redução dramática dos estoques oceânicos. Primeiro nós teremos de eliminar esses subsídios perversos para que modelos mais sustentáveis possam se tornar dominantes.

# PARA TODOS, E COM JUSTIÇA

PROTOCOLO DE NAGOYA É UM MARCO NA CONVENÇÃO DA DIVERSIDADE BIOLÓGICA AO PREVER A REPARTIÇÃO EQUITATIVA DOS BENEFÍCIOS ADQUIRIDOS COM O USO DA BIODIVERSIDADE

REPORTAGEM LIA LOMBARDI

**QUANDO O PRESIDENTE** da 10ª Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), o ministro de Meio Ambiente do Japão, Ryu Matsumoto, bateu o martelo naquele início de madrugada do dia 30 de outubro, houve uma comoção geral na plenária. O gesto marcava a aprovação do Protocolo de Nagoya, e as pessoas presentes à plenária final da COP-10 tinham plena consciência da importância daquela conquista, que representa um marco na história da Convenção.

Pela primeira vez, os 193 países signatários da CDB chegaram a um consenso sobre o terceiro objetivo da convenção, que prevê a repartição justa e equitativa dos benefícios advindos do acesso e do uso dos recursos genéticos. A CDB começou a receber a assinatura dos países em 1992, e desde então vem discutindo como deve ser feita a compensação pelo uso desses benefícios, o chamado regime de ABS (Access and Benefit Sharing). Ainda há muito a ser resolvido, mas o primeiro passo foi dado em outubro.

Pelo acordo, as comunidades e/ou países onde os recursos genéticos poderão ser acessados deverão ser consultados antes de qualquer pesquisa ser iniciada. O texto também assegura que a exploração de qualquer recurso genético associado a um conhecimento tradicional, vindo de uma comunidade local ou indígena, precisa necessariamente contar com o seu consentimento prévio, e com o estabelecimento de acordos mútuos para o seu uso.

Os países têm de assinar o Protocolo de Nagoya a partir do ano que vem, mas o pagamento só será feito a partir de 2020. Apesar de o acordo não ser legalmente vinculante, as regras de acesso e pagamento, assim como os mecanismos de verifica-

ção para o cumprimento do protocolo, são itens pendentes para as próximas discussões.

O longo tempo até que o protocolo entre em vigor, daqui a dez anos, é uma das críticas ao acordo. O Brasil, muito elogiado pelo esforço dos seus negociadores – uma jovem equipe de diplomatas do Itamaraty, liderada por Paulino Franco de Carvalho Neto e apoiada pelo Ministério do Meio Ambiente –, solicitou em plenário que essa data fosse alterada para 2015. A decisão ficou pendente até a próxima COP, que será em Ahmedabad, na Índia, em 2014.

## PLANO ESTRATÉGICO

Também foi aprovado em Nagoya o Plano Estratégico da CDB para 2011-2020, que prevê meta de 17% para conservação de áreas terrestres e de 10% para as áreas marinhas até 2020. O estado atual de proteção para áreas terrestres é de 13%, e, por isso, a decisão de aumentar o índice em apenas 4 pontos percentuais foi considerada pouco ambiciosa por muitos especialistas. Um resultado bem diferente do que ocorreu com as áreas de proteção marinha, que hoje têm pouco mais de 1% de áreas protegidas e saíram de Nagoya com meta de 10%, o que foi considerado bastante audacioso.

O plano também prevê a redução pela metade do desmatamento em nível global, especialmente em áreas de floresta tropical. O Brasil já atingiu redução de 40% nas áreas de desmatamento da Amazônia nos últimos quatro anos, mas a situação do Cerrado ainda é crítica, principalmente por causa da agropecuária.

Matsumoto bate o martelo: um protocolo para a biodiversidade



## MECANISMOS FINANCEIROS

Ainda na última plenária, os países continuavam a discussão sobre um dos pontos de maior embate, a estratégia de mobilização de recursos para a implementação do plano estratégico. Reconhecendo que os mecanismos de financiamento tradicionais originários de acordos multilaterais (Banco Mundial, GEF) e bilaterais (cooperação entre países) não são suficientes para atender a todas as demandas de conservação, os países incluíram uma provisão para o desenvolvimento de mecanismos inovadores de financiamento. Esses mecanismos consi-

deram propostas como mercado de carbono para florestas (Reed+), mercado de água, de créditos de espécies, de habitats etc.

Foi um encerramento surpreendente para uma COP que começou mal, com a constatação de que nenhuma das metas previstas para 2010, o Ano Internacional da Biodiversidade, definido em 2002, havia sido alcançada. O Brasil se posicionou com firmeza desde o início, reiterando o que já vinha defendendo antes do encontro – o país só apoiaria as outras questões, como plano estratégico e financiamento, se o texto de ABS fosse aprovado. [BS]

## O BRASIL E AS EMPRESAS NA COP-10

O Brasil foi presença importante nesta COP, tanto pela participação do Itamaraty nas negociações quanto pela presença do setor privado. O Ministério do Meio Ambiente mostrou que o país, sozinho, alcançou 75% da meta global de ampliação de áreas de proteção ambiental, por meio da duplicação das áreas protegidas, da redução de 70% da área de queimadas em todos os biomas e da publicação de uma nova lista da flora, com 40 mil espécies, após 100 anos de espera.

O evento paralelo, organizado pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), marcou a participação do setor privado com a apresentação das experiências de cinco empresas, que também foram registradas numa publicação lançada no encontro. Petrobras, Natura, Monsanto, Cemig e Vale mostraram como vêm fazendo para incorporar a biodiversidade no seu modelo de gestão. A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, e o diretor do World Business Council for Sustainable Development (WBCSD), James Griffiths, falaram sobre a importância do diálogo entre o governo e as empresas nos temas da sustentabilidade, relacionados à pauta de desenvolvimento do país.

A participação de empresas não é comum em COPs, e a novidade chamou a atenção. Josh Bishop, coordenador do relatório TEEB (The Economics of Ecosystems and Biodiversity), o mais importante relatório sobre biodiversidade lançado neste ano, e outros representantes da IUCN (International



Ministra Izabella Teixeira (à direita) no evento organizado pelo CEBDS: experiências empresariais brasileiras

Union of Conservation of Nature) compareceram ao encontro para ouvir e conversar com as empresas. Também estiveram no encontro algumas das principais ONGs do mundo, como Conservação Internacional, WWF-Brasil, Birdlife, WCS (World Conservation Society) e Instituto Life, além de executivos japoneses e da CNI. O CEBDS também fez pela primeira vez um *blog* com a cobertura das negociações e dos eventos paralelos. Em duas semanas, o número de acessos ao *site* do conselho bateu recorde de visitação. Mesmo após o fim da COP, o *blog* continua no ar, como um registro, com fotos e vídeos, desse momento histórico para a biodiversidade, e pode ser acessado em [www.cebds.org.br/cebds/blogdacop10](http://www.cebds.org.br/cebds/blogdacop10).

# LIDERANÇA

«REPORTAGEM MICHELE SILVA»

EXEMPLOS INSPIRADORES PARA MUDAR O MUNDO

## RODOLFO GUTTILLA

**QUEM?** Rodolfo Guttilla, diretor de Assuntos Corporativos da Natura.

**O QUÊ?** Em 2010, venceu pela terceira vez o Prêmio Comunique-se na categoria Profissional de Comunicação Corporativa.

**POR QUÊ?** Jornalista, antropólogo e poeta, é um dos pioneiros na inclusão da sustentabilidade no mundo dos negócios.



Divulgação

**O QUE SE ESPERA** dos líderes empresariais que têm o desafio de quebrar o paradigma do crescimento econômico e migrar para um desenvolvimento baseado no tripé da sustentabilidade, que considera os aspectos econômicos, sociais e ambientais? Quais devem ser as habilidades e a formação ideais dos profissionais que atuam na promoção do desenvolvimento justo, a fim de levar benefícios para a sociedade?

Não há respostas simples para as questões acima. Se não há um modelo claro de formação para os novos homens de negócios, que dê conta da complexidade dos dilemas atuais, sabe-se que é recomendável que eles tenham, além das qualificações técnicas, uma atuação diversificada e sejam autocríticos e sensíveis para lidar com as atuais exigências de transparência e diálogo, cada vez mais cobrados das grandes empresas.

Rodolfo Witzig Guttilla, 48 anos, diretor de Assuntos Corporativos da Natura, tem um mix dessas habilidades. Graduado em Ciências Sociais e Jornalismo, mestre em Antropologia e poeta (quando tem tempo), ele trabalha há dez anos na empresa de cosméticos e hoje é chamado a falar em qualquer fórum cujo tema seja a inclusão da responsabilidade corporativa.

Embora tenha iniciado a carreira como comunicador e ainda hoje seja destaque nessa área – recebeu em 2010, pela terceira vez, o prêmio de Profissional de Comunicação Corporativa, no Prêmio Comunique-se –, Guttilla tem uma atuação muito mais abrangente na companhia. Além de ser responsável pelo relacionamento com públicos como governo, entidades de classe, imprensa e formadores de opinião, é constantemente requisitado para opinar em discussões como competitividade industrial,

**“HOJE SE VÊ CERTA BANALIZAÇÃO DO TERMO SUSTENTABILIDADE, E ATÉ UM POUCO DE CINISMO. MUITAS EMPRESAS NÃO ESTÃO TRANSFORMANDO SUA PRÁTICA DE GESTÃO OU FAZEM ISSO DE MANEIRA ERRADA, COMO APELO DE MARKETING” Rodolfo Guttilla**

biodiversidade e regras para acesso ao patrimônio genético das florestas brasileiras.

A formação em comunicação facilita o diálogo com diferentes públicos, mas ela sozinha não é suficiente. “O mercado prefere profissionais mais transversais. Não importa se é publicitário, antropólogo, historiador ou filósofo. Tenho várias dessas formações na minha equipe fazendo comunicação. Tem de ter boa formação humanística e bons gestores”, ensina. Como antropólogo, ele também procura influenciar sua equipe a se colocar no lugar do outro e a ver o que é feito diariamente, sempre de uma maneira nova. “Somos construtores de significado”, diz.

Em seu livro *The Ten Faces of Innovation*, o guru dos negócios Tom Kelley coloca o antropólogo como uma das dez personalidades indutoras de inovação nas empresas. Segundo ele, esse profissional tem a capacidade de “vestir a pele” do cliente e colocar-se realmente no lugar do consumidor, como fazem com as culturas que estudam. Esse espírito talvez ajude a explicar parte do sucesso da estratégia da Natura de implementação dos conceitos de responsabilidade não apenas dentro da empresa, entre seus funcionários, mas também de influenciar consumidores, consultoras, comunidades fornecedoras dos insumos para a produção dos cosméticos e toda a sua cadeia de negócios.

Guttilla participou de momentos cruciais no caminho que a Natura tomou para se tornar uma referência na inclusão da sustentabilidade no mundo dos negócios. A empresa hoje é modelo no engajamento dos diferentes públicos que envolvem seu negócio, na transparência das ações, divulgadas anualmente, e no relacionamento com as comunidades fornecedoras, localizadas, em sua maioria, na região da floresta

amazônica. Acompanhou de perto a ascensão da nova agenda dentro das empresas – a Natura foi pioneira – e ajudou a elaborar o primeiro relatório de sustentabilidade no padrão da Global Reporting Initiative (GRI) no Brasil, em 2000. O modelo é o mais adotado mundialmente e é composto por um conjunto de indicadores econômicos, sociais e ambientais que devem ser divulgados periodicamente. Atualmente, as empresas brasileiras são as que mais crescem na adesão desse padrão para comunicação de seu desempenho socioambiental.

### INSPIRAÇÃO PARA O FUTURO

“Hoje se vê certa banalização no uso do termo sustentabilidade, e até um pouco de cinismo. Muitas empresas não estão transformando sua prática de gestão ou fazem isso de maneira errada, como apelo de marketing. Nós queremos falar de uma ideia de mundo, o mundo que queremos habitar”, explica Guttilla, para quem toda ação comunicativa deve remeter aos valores da marca. É o que ele define como administração do simbólico.

A poesia o ajuda a ter inspiração para essa nova “ideia de mundo”. A estética e o lirismo dos versos permitem ao homem viver outra vida e enxergar de maneira diferente o que vivencia no seu dia a dia. “Não se faz poesia sem uma visão crítica do mundo”, diz ele, adepto do haicai, um estilo de poesia de origem japonesa, de versos curtos e bem marcados. “Com o haicai consigo encontrar essas atitudes perante o mundo – o humor, a brevidade. Poderia ser o ‘faça você mesmo a sua sustentabilidade’. Ou seja, a mudança que você quer ver no mundo”, resume, com um misto de filosofia e poesia característico do seu jeito de se comunicar. [BS]

## DO ABSTRATO

Especialistas em comunicação em Porto Alegre. Da esquerda para a direita: Igor Oliveira (Net Impact), Ana Lucia Suzuki (CEBDS), Paulo Resende (Secretaria de Educação-RS), Samyra Crespo (Ministério do Meio Ambiente), Eduardo Eizirik (PUC-RS), Cleci Jurach (Secretaria de Educação de Porto Alegre), Rachel Negrão (Unicamp) e Sheila Ceccon (Instituto Paulo Freire)



PESQUISA MOSTRA QUE COMUNICAR AVANÇOS EM SUSTENTABILIDADE POR MEIO DE FATOS CONCRETOS É O VERDADEIRO DESAFIO PARA AS EMPRESAS

REPORTAGEM ALEXANDRE DE SANTI

## AO CONCRETO

**NUMA SOCIEDADE** inundada por mensagens, as empresas que desejam comunicar ações de sustentabilidade terão de encontrar formas eficientes de vencer a desconfiança do público. A conclusão é da pesquisa apresentada no segundo evento do Sustentável 2010, ciclo de encontros promovido pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), desta vez, em Porto Alegre. A reunião atraiu especialistas da iniciativa privada, do poder público e do mundo acadêmico para discutir formas de comunicar e educar a sociedade. O estudo *Comunicação e Educação para a Sustentabilidade: Mapeando os Desafios e as Oportunidades* mostrou que apenas 15% das pessoas acreditam haver uma alta relação entre o que as empresas anunciam e o que fazem – aquilo que os pesquisadores chamam de “concretização alta” nas ações de sustentabilidade.

A pesquisa encomendada pelo CEBDS para a Market Analysis levantou a opinião de dois públicos diferentes sobre a forma com que as empresas comunicam suas ações. Duzentos e cinquenta entrevistas foram coletadas por telefone, com adultos entre 18 e 69 anos das classes A, B e C, na cidade de São Paulo. Nesse grupo os pesquisadores constataram uma baixa percepção do público em relação às ações socioambientais corporativas. Apenas 15% acreditavam haver “concretização alta”. No outro grupo, formado por 42 formadores de opinião, o índice de respostas foi ainda menor: zero. Nenhum dos entrevistados viu um alto grau de realização entre as ações e a propaganda. A imensa maioria (90%) percebe uma “concretização média”.

Para Fabián Echegaray, diretor da Market Analysis, apesar do aumento do número de peças de comunicação,

de publicidade e de jornalismo sobre o assunto, o público não acredita em tudo que é apresentado. “O grande número de mensagens não garante a credibilidade”, avaliou Echegaray. A pesquisa mostrou que a quantidade de reportagens sobre sustentabilidade aumentou 569%, nos últimos anos, no jornal *Folha de S. Paulo*, veículo que serviu de base para o mapeamento. O volume de informações, no entanto, não significa que o público esteja valorizando as iniciativas empresariais. “Exposição não significa assimilação”, ressalta Echegaray.

A comunicação foi um dos focos do evento. Logo na abertura, a presidente executiva do CEBDS, Marina Grossi, comentou o resultado do estudo que seria apresentado à tarde: “Se há um conteúdo de sustentabilidade, essa mensagem não está sendo recebida”. O gerente de planejamento e gestão da comunicação da Petrobras,

e presidente da Câmara Temática de Comunicação e Educação do CEBDS, Eraldo Carneiro, que deu boas-vindas aos participantes e mediu um dos painéis, resumiu o sentimento da plateia com as conclusões da pesquisa. “Esse trabalho vai gerar certo desconforto”, disse.

Segundo a conclusão do estudo, o desafio de construir a sustentabilidade passa menos por multiplicar informações e mais por se engajar na oferta de produtos e serviços sustentáveis – além de tornar as informações acessíveis e digeríveis ao consumidor. Feito isso, avaliou Echegaray, as organizações terão mais sucesso. Uma receita para aumentar o grau de credibilidade é recorrer ao apoio de “analistas críveis” para transmitir a informação, ou seja, aumentar a parceria com universidades, comunidade, ONGs, especialistas e governos, de forma que esses atores ajudem o públi-

## APESAR DO AUMENTO DO NÚMERO DE MENSAGENS SOBRE SUSTENTABILIDADE, A CREDIBILIDADE DO PÚBLICO EM RELAÇÃO ÀS AÇÕES DAS EMPRESAS É BAIXA

co a acreditar no envolvimento das corporações com o tema. Echegaray defendeu que as empresas devem, primeiro, desenvolver produtos e serviços sustentáveis e, depois, quando os resultados forem mensuráveis, comunicar suas conquistas, em vez de optar por peças publicitárias que veiculem conceitos de proteção ao ambiente e preocupações da marca com o assunto.

### SACOLAS EDUCATIVAS

No painel do Fórum Educação para Sustentabilidade, o Ministério do Meio Ambiente mostrou como o envolvimento da iniciativa privada com órgãos públicos pode gerar resultados palpáveis, contribuindo para a educação da sociedade. A secretária de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental do ministério, Samyra Crespo, apresentou a campanha O Saco é um Saco, uma iniciativa do governo federal para reduzir o uso das sacolas plásticas de supermercados – nada menos do que 15 bilhões de unidades em 2008. Ao longo do primeiro ano da campanha iniciada em 2008, 800 milhões de sacolas deixaram de ser utilizadas, de acordo com o ministério.

Mais do que números expressivos, a iniciativa vingou porque criou uma rede social. A teia de atores envolvidos, segundo Samyra, é a raiz da comunicação eficiente. Além de filmes exibidos nas emissoras Globo, SBT, Band, Record e Futura, a campanha transitou na internet e nas redes eletrônicas. Seu segredo, segundo Samyra, foi escolher parceiros identificados com o projeto, como a rede Walmart, que exibiu os filmes em 4.910 pontos de venda, e que já havia adotado uma meta espontânea de redu-



Fabian Echegaray: "analistas críveis" aumentam a credibilidade

ção de sacolas plásticas. Além disso, foi importante focar em um tema de apelo popular propício para sintetizar os conceitos de conservação – como é o caso da sacola plástica, muito reutilizada como saco de lixo pelos consumidores. “Para você atingir o público, você precisa pegar algo que esteja no cotidiano das pessoas, que atinja todas as classes sociais. As sacolas são simpáticas. As pessoas têm compulsão por elas e acabam levando mais do que precisam para casa porque acham que vão precisar”, explicou o representante do ministério.

A pesquisa foi comentada pelo professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Rudimar Baldissera, que buscou as razões sociais para o desencontro entre comunicação e mensagem. Na sua visão, a desconfiança do público não decorre só das falhas de ação e de comunicação das empresas e agências de publicidade. “Ocorre que a propaganda na televisão exhibe conceitos, mas o público não encontra ações práticas no cotidiano capaz de traduzi-los”, diz o professor.

### DESAFIO TRANSVERSAL

A saída está na educação. “A educação é crucial, na medida em que com um capital intelectual maior

## A INICIATIVA DAS EMPRESAS

A mobilização empresarial pelo uso responsável das sacolas plásticas no Brasil mostra resultados animadores. Em 2008, o Plastivida, Instituto Socioambiental dos Plásticos, que reúne empresas petroquímicas (produtoras de resinas termoplásticas) e transformadoras (fabricantes de copos, pratos, sacolas e outros produtos), encomendou uma pesquisa ao Ibope e verificou que 100% das 600 mulheres entrevistadas, donas de casa das classes B, C, D e E, em São Paulo, reutilizavam as sacolas como recipiente de lixo. Cerca de 75% consideravam o produto ideal para o transporte de compras e 71% achavam que ele deveria ser distribuído gratuitamente.

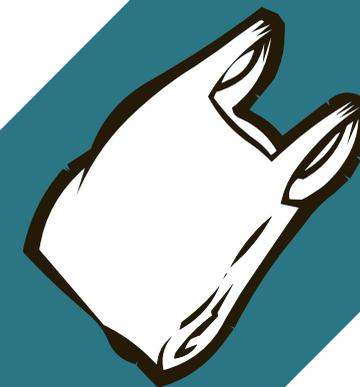
A Associação Brasileira de Supermercados promoveu outra pesquisa para conhecer o comportamento do consumidor na hora da compra. A consulta descobriu que 61% só enchiam a sacola da metade para baixo e que 13% usavam o produto duplicado, em decorrência da desconfiança sobre a resistência das sacolas. Um teste verificou que os artigos fabricados no país tinham entre 15 e 17 micras (unidade equivalente a um milésimo de milímetro), enquanto a norma técnica ABNT 14937 determina uma espessura mínima de 27 micras.

Iniciou-se uma campanha para as empresas respeitarem a norma técnica e para que as sacolas, que até então suportavam dois a três quilos de peso, passassem a carregar os seis quilos previstos pela ABNT. Criou-se um selo de qualidade do Instituto Nacional do Plástico. O Plastivida treinou funcionários de grandes redes, em sete capitais, para repassar ao consumidor as informações sobre o consumo sustentável da sacola. Ou seja, encher bem, não usar em duplicidade e descartar corretamente.

Antes dessas iniciativas, a produção de sacolas no país alcançou o auge, com 17,9 bilhões de unidades. Em 2008 caiu para 16,4, em 2009 caiu para 15 bilhões, e a estimativa, para 2010, é de 14 bilhões de unidades, ou seja, houve uma redução de 21,7% em três anos. “Percebemos que, nos supermercados em que houve o treinamento dos funcionários para o consumo consciente, a redução foi de 40% no uso das sacolas. Como vamos ampliar esse trabalho, a expectativa é chegarmos ao fim de 2011 alcançando uma redução de 30% no volume total”, diz Francisco de Assis, presidente do Plastivida. Em agosto, o instituto lançou no Rio de Janeiro a Escola de Consumo Responsável das Sacolinhas Plásticas, que vai ajudar os comerciantes a capacitar funcionários para estimular o uso correto do produto.

Atualmente, o Brasil recicla 22% de todo o plástico produzido, mas a proporção de sacolas nesse volume é mínima, até porque cada uma pesa três gramas. Para Francisco de Assis, o destino ideal do produto é a reciclagem energética, em que todo o lixo urbano produzido é incinerado com a energia do plástico (feito de petróleo), e o calor da combustão gera nova energia.

No Japão já existem 249 usinas de reciclagem de plástico, na Suíça, 27, e no Brasil, nenhuma. “É um processo complexo, mas que deve chegar ao país em algum momento, é uma questão de tempo. A usina de reciclagem energética tem sido apontada mundialmente como a solução para o problema do lixo urbano. Foi assim que a Alemanha acabou com seus aterros”, explica Assis. As empresas estão engajadas na campanha por redução do uso, consumo consciente e descarte adequado das sacolas. [Lia Lombardi]





Roberto Cassano (Frog Comunicação), Eraldo Carneiro (Petrobras) e Rodrigo Vieira da Cunha (Santander): problemas na comunicação das empresas

podemos ter um salto de qualidade no país”, disse Marina Grossi, presidente executiva do CEBDS. Durante o Sustentável 2010, o lançamento da campanha Educação para a Sustentabilidade contou com a participação de representantes das secretarias municipal e estadual da Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), do Instituto Paulo Freire e da organização não governamental Net Impact.

Sheila Ceccon, coordenadora executiva do Instituto Paulo Freire, animou o debate sobre a formação de cidadãos conscientes e os desafios da sobrevivência do planeta. Reforçando a tese de Rudimar Baldissera, a professora ressaltou que a educação para a sustentabilidade deve ser um esforço conjunto envolvendo o setor público, as escolas, a iniciativa privada, as organizações não governamentais e as famílias. Citando um provérbio africano, ressaltou: “É preciso toda uma aldeia para educar uma criança”.

Paulo Rezende, secretário substituto da Educação do Rio Grande do Sul, e a secretária municipal de Educação de Porto Alegre, Cleci Jurach, concordaram que, na sala de aula, o tema precisa ser tratado em diversas atividades, tanto curriculares como não curriculares. As escolas municipais de Porto Alegre já incentivam o cultivo de plantas e o reaproveitamento dos recursos naturais.

“Não temos como criar uma disciplina para tratar dos assuntos de sustentabilidade. A meta é transversal e deve impregnar todas as matérias”, defendeu Rezende. Já a coordenadora do curso de Gestão da Sustentabilidade e da Responsabilidade Social Corporativa da Unicamp, Rachel Negrão Cavalcanti, ressaltou a dificuldade da tarefa, na medida em que o amadurecimento dos conceitos pode levar décadas. “Falar de sustentabilidade é uma coisa. Agir com sustentabilidade é outra, e estamos longe disso”, disse a professora da Unicamp.

No último painel do evento, empresas e publicitários examinaram criticamente a busca de soluções eficazes para educar e comunicar a sustentabilidade à sociedade. “Assim como a gente faz a pessoa comprar um iPod, como fazer com que a sustentabilidade se torne parte do repertório dos desejos do jovem?”, provocou o mediador Eraldo Carneiro. O gerente executivo de comunicação do grupo Santander Brasil, Rodrigo Cunha, foi taxativo: as empresas não sabem como comunicar. Para Cunha, também é preciso agir de forma sustentável primeiro, para depois tentar se comunicar com o público. “Isso pode estar na raiz da falta de compreensão”, disse. Para o executivo, as empresas têm grande poder na sociedade e não podem se omitir da responsabilidade de ajudar a educar a população.

Roberto Cassano, diretor da Frog Comunicação, encerrou o evento relatando, com humor, a dificuldade das agências de comunicação em traduzir o comportamento das empresas. “A sustentabilidade não está no boca a boca, é muito abstrata. Mas, se um produto ruim não puder se sustentar por causa do boca a boca, o produto insustentável também não poderá se sustentar por causa do boca-a-boca”, disse. Para exemplificar, comentou que, só a partir da gravidez de sua esposa, começou realmente a se preocupar com o assunto. “Temos o desafio de substantivar a sustentabilidade, como quem cria um filho.” Para Cassano, o tema só será compreendido quando atingir o cotidiano, transformando conceitos em ações práticas. [BS]



Rudimar Baldissera: empresas precisam de mais ações, menos conceitos

## Pesquisa Comunicação e Educação para a Sustentabilidade

### Grupo 1 — público geral

- 250 pessoas ouvidas por telefone
- Período: 22 a 28 de julho de 2010
- Perfil: adultos de 18 a 69 anos, pertencentes às classes A, B e C, residentes no município de São Paulo, com algum nível de informação sobre os temas abordados no estudo

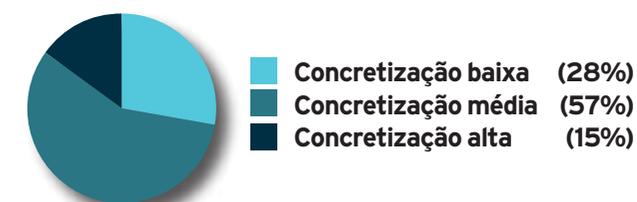
### Grupo 2 — formadores de opinião

- 42 pessoas ouvidas por telefone
- Período: 9 a 30 de julho de 2010
- Perfil: representantes dos seguintes setores, sediados em São Paulo:
  - Divulgadores:** agências de comunicação corporativa, assessorias de imprensa voltadas para sustentabilidade e agências de publicidade
  - Formuladores:** consultores da área, *experts*, acadêmicos e estudiosos da comunicação em sustentabilidade e mídia especializada.
  - Operadores:** funcionários de empresas privadas

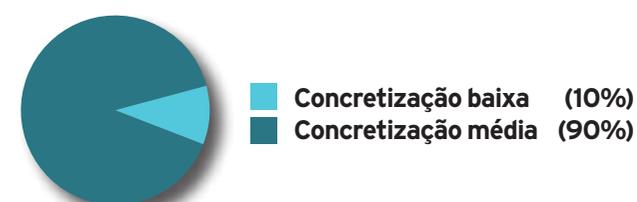
### Resultados

Índice de concretização da sustentabilidade\* (%)

#### Grupo 1



#### Grupo 2



\*O índice indica o sucesso e a frequência de 14 ações, tais como: processo racional de descarte; programas de reciclagem; economia de recursos escassos; busca por recursos renováveis; ações sociocomunitárias; desenvolvimento de produtos ou serviços verdes; sustentabilidade na gestão e nos valores organizacionais e preservação de rios, mares e florestas

O cupuaçu, matéria-prima de produtos Natura, é cultivado em sistemas de recuperação de áreas desmatadas na Amazônia

Luiz Moretti/Natura

# NEGÓCIOS COM A NATUREZA

EMPRESAS BRASILEIRAS MOSTRAM INICIATIVAS PARA PRESERVAR E RECUPERAR ECOSISTEMAS, ALÉM DE EXPLORAR A BIODIVERSIDADE DE FORMA SUSTENTÁVEL

REPORTAGEM PEDRO MICHEPUD

**O PROTOCOLO DE NAGOYA**, aprovado na 10ª Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), promete alguns avanços na preservação da biodiversidade, como o controle da pesca excessiva nos oceanos, a proteção de 10% das águas marinhas e costeiras e a proteção de 17% do hábitat terrestre. Para conseguir consolidar as propostas acordadas pelos representantes governamentais na COP-10 e, assim, garantir a variedade de vida no planeta, as empresas terão de atuar juntamente com sociedade, governos e ONGs, participando ativamente desse processo.

Na reunião de Nagoya, algumas empresas brasileiras, representadas pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), apresentaram cases mostrando o que estão fazendo para auxiliar na manutenção da biodiversidade no país.

“Diversos participantes da COP-10 reforçaram a necessidade de as empresas repensarem sua maneira de fazer negócios para incorporar a biodiversidade. Falou-se sobre algumas possibilidades, como o treinamento de fornecedores e as parcerias com comunidades locais, explorando as oportunidades do uso sustentável da biodiversidade”, conta Marina Grossi, presidente executiva do CEBDS.

De acordo com ela, “as empresas utilizam os serviços ambientais fornecidos pela biodiversidade para elaborar seus produtos, como água, princípios ativos retirados de plantas e outros. Logo, conservar e uti-

lizar a biodiversidade de forma sustentável é vital para a continuidade dos negócios. Acreditamos que, juntos, empresas e governo poderão ampliar a discussão e implementação do Protocolo ABS, documento aprovado nesta COP-10, além de liderar o debate em torno de temas-chave como a valoração dos ecossistemas e o acesso aos recursos genéticos”, ressaltou Marina Grossi.

A iniciativa de apresentação dos cases de empresas brasileiras foi bastante elogiada pelas pessoas presentes ao evento, que marcou o início de uma nova trajetória para a Câmara Temática de Biodiversidade e Biotecnologia do CEBDS. Nos próximos dois anos, a câmara vai trabalhar para estimular as empresas a medir seus impactos e buscar as ferramentas para avaliar a dependência que elas têm da biodiversidade.

Conheça alguns dos cases apresentados em Nagoya.

## PROTEÇÃO A ÁREAS DE CONSERVAÇÃO [VALE]

A Vale, segunda maior mineradora do mundo, está realizando atividades para a proteção de 22 áreas de conservação: 15 próprias e sete administradas pelo governo. Com mais de 8 mil km<sup>2</sup>, o projeto abrange atualmente os estados do Pará, Maranhão, Espírito Santo e Minas Gerais, protegendo os biomas da Amazônia, da Mata Atlântica e do Cerrado. Além dessas, há a proposta de criação de mais cinco unidades de conservação e duas propostas para expandir por mais 50 quilômetros quadrados as áreas protegidas.

As atividades preventivas incluem ações de combate a incêndios e à caça e o recolhimento de animais selvagens. Uma das reservas recebeu o título de Posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, em

reconhecimento pela metodologia e pela tecnologia aplicadas no uso sustentável de recursos naturais e na recuperação de áreas degradadas.

“As áreas protegidas pela Vale incluem cerca de 10 mil km<sup>2</sup> atualmente e abrangem territórios de espécies raras e ameaçadas de extinção, preservando áreas consideradas de alta relevância para a conservação da biodiversidade”, afirmou Giane Zammer, gerente-geral de planejamento e gestão da Vale.

De acordo com ela, “a conservação da biodiversidade é uma responsabilidade de todos, seja governo, setor privado ou sociedade civil. Não só as empresas, mas todos nós precisamos contribuir para a proteção e a conservação desse bem natural, que é fundamental para a manutenção da vida”.

Banco de leguminosas na Reserva Natural Vale, no Espírito Santo, uma das áreas de conservação mantidas pela empresa

Divulgação Vale

## CONSERVAÇÃO DA VIDA NOS MARES [PETROBRAS]

O Sistema Integrado de Planejamento Estratégico para Biodiversidade Marinha é um projeto da Petrobras que busca identificar oportunidades de atuação conjunta com outras empresas para preservar a vida nos mares. Elaborado em parceria com agências ambientais federais, a iniciativa se aliou aos projetos Peixe-Boi, Baleia Jubarte, Golfinho Rotador e Tamar, que cuida das tartarugas marinhas. Os objetivos do projeto são ampliar o conhecimento científico sobre as espécies, apoiar a utilização de Áreas Marinhas Protegidas como ferramenta de conservação das espécies-alvo, implantar um Sistema de Informação integrado e promover a educação ambiental e a capacitação comunitária.

De acordo com a Petrobras, "a empresa busca conciliar a necessidade de suprir a energia necessária ao desenvolvimento do país com seus compromissos com a melhoria do seu desempenho ambiental, reconhecendo a importância de orientação corporativa que norteie a gestão da biodiversidade na companhia, contemplando questões estratégicas e operacionais".

Para a empresa, "a atividade econômica pode ter um papel extremamente positivo na conservação da biodiversidade, visando ao desenvolvimento sustentável. Entende-se que, ao ignorar a biodiversidade, as empresas colocam-se em risco e, ao mesmo



Petrobras

Plano estratégico para integrar projetos de preservação, como o Tamar

tempo, perdem oportunidades de avaliação e de gestão que possibilitam melhorar o seu desempenho".

Entre os resultados alcançados pelos projetos estão o aumento da população das espécies em causa, uma grande produção de conhecimento técnico e científico e a gestão das espécies e de seu ambiente.

## PAISAGEM PRESERVADA NO PIAUÍ [SUZANO]

Para manter a biodiversidade, a paisagem, os recursos hídricos e as comunidades nas áreas de novas florestas do Piauí, a Suzano Papel e Celulose utiliza uma ferramenta para gerir suas áreas e permitir a renovação do ciclo natural das florestas. Desenvolvida por meio de estudos técnicos, a iniciativa baseia-se na análise feita pela empresa sobre fauna, flora, solos, recursos hídricos e topografia, entre outros, buscando utilizar de maneira sustentável a biodiversidade.

Com relação à paisagem, a empresa intercala faixas de vegetação nativa com vegetação plantada, evitando a monotonia visual criada pela monocultura necessária para as atividades da empresa.

## SUSTENTABILIDADE A BORDO DE UM BARCO [GOODYEAR]

O programa Navegando nas Águas do Conhecimento, uma parceria da Goodyear com a Associação Barco Escola Natural, busca incentivar alunos de escolas públicas e privadas da região de Americana (São Paulo) a desenvolver a consciência crítica dos problemas ambientais do Reservatório de Salto Grande.

Nas aulas, os alunos recebem informações e orientações para conhecer as consequências ambientais de ações como a destruição da mata ciliar, a poluição da água e do ar e a má gestão da água. Os estudantes também vão a palestras e minilaboratórios, para entender como funciona o ciclo de vida dos seres vivos.

Ao final do aprendizado, os participantes têm a oportunidade de navegar no reservatório, podendo observar in loco as plantações, os animais e os povoados que estudaram nas salas de aula.

## RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS DO CERRADO [ETH]

Gerenciar e controlar a flora terrestre para recuperar áreas degradadas e monitorar a qualidade ambiental do Cerrado. Essas são as duas principais propostas do programa de manutenção da flora e da fauna desenvolvido pela ETH em áreas onde a degradação ambiental já havia ocorrido antes mesmo de a empresa iniciar suas atividades.

Envolvendo ações relacionadas à recomposição de Áreas de Preservação Permanente (APPs) e Áreas de Reserva Legal (RL), o projeto busca reduzir o assoreamento e a erosão das margens dos cursos d'água, melhorar e desenvolver as paisagens e ampliar a variedade genética das comunidades degradadas.

"Até pouco tempo atrás, o papel da preservação da biodiversidade era deixada em sua maior parte nas mãos dos órgãos do governo e de organizações de preservação da natureza. Apenas algumas empresas pioneiras abordam o tema para reduzir riscos e tirar partido de oportunidades de negócio", relata Camilla Sabella, da área de Sustentabilidade da ETH.

De acordo com ela, "a ETH tem como compromisso manter as áreas ambientalmente protegidas – APP (Áreas de Preservação Permanente) e RL (Reserva Legal) – devidamente regularizadas, tanto as próprias como as de terceiros ou parceiros. Para orientá-los, oferecemos informações e apoio técnico ao desenvolvimento de projetos de recuperação".

Os resultados do projeto somam um aumento de 13 pontos percentuais na preservação das Áreas de Reserva Legal. Já as Áreas de Preservação Permanente subiram 5 pontos percentuais. De acordo com a empresa, foram plantadas mais de 28.800 mudas.



Andreas Reininger/Natura

Colheita do murumuru na comunidade Jauari, na Amazônia: parceria traz benefícios à população local

## USANDO E PRESERVANDO A BIODIVERSIDADE [NATURA]

Baseados em um modelo que usa de maneira sustentável a biodiversidade e a cultura local, os produtos da Natura buscam combinar o conhecimento científico e a sabedoria das comunidades tradicionais, parceiras da empresa. A linha Natura Ekos, composta por cerca de cem produtos, é a maior expressão da empresa nesse assunto.

"Natura Ekos representa um modelo de negócio pioneiro que cria um ciclo virtuoso, gerando riquezas para o país e retornando valor para o lugar de origem. Todos se beneficiam: a comunidade, pois o trabalho gera renda para famílias, a Natura, que identifica novas oportunidades de negócio, os consumidores, que compram produtos de qualidade com melhores propriedades sensoriais, e a natureza, porque a comunidade cuida das florestas para garantir uma melhor qualidade de vida para si e para gerações futuras", diz a Natura em seu texto apresentado durante a COP-10.

Em 2009, a Natura investiu mais de R\$ 4 milhões nas comunidades. Quanto ao retorno de verbas às comunidades, a empresa já conseguiu atingir R\$ 1,4 milhão, um aumento de 49 pontos percentuais quando comparado aos R\$ 720 mil de 2008.

# CONTROVÉRSIA

«REPORTAGEM CONRADO LOIOLA»

OPINIÕES DIVERGENTES SOBRE TEMAS POLÊMICOS

## CONSUMIR E PRODUZIR CARNE PODE SER SUSTENTÁVEL?



O monitoramento da cadeia produtiva, a realização de pactos entre empresas e entidades e a construção colaborativa de processos e sistemas de controle da origem da carne são algumas das iniciativas que podem proporcionar a eliminação de problemas como desmatamentos, invasão de terras e trabalho escravo. O ideal para assegurar que a atividade pecuária seja viável é construir um processo que considere os padrões de sustentabilidade em toda a cadeia de valor (desde as fazendas de gado até o consumidor).

O Walmart desenvolveu algumas ações com esse objetivo, em parceria com sua cadeia de fornecimento. Uma delas é o programa de rastreabilidade para carnes (Qualidade Seleccionada, Origem Garantida), que pode ser considerado um passo em direção à sustentabilidade da Amazônia. O programa permite ao consumidor conhecer, via internet ([www.walmartbrasil.com.br](http://www.walmartbrasil.com.br)), todas as etapas de produção da carne adquirida na rede, por meio de um código de barras disponível nas embalagens. Assim, o cliente tem acesso ao nome das fazendas por onde essa carne passou e as respectivas localizações.

O programa também permite ao Walmart o acompanhamento de indicadores socioambientais previamente definidos, medida que contribui para a incorporação de práticas sociais e ambientais mais rigorosas em toda a cadeia.

CHRISTIANNE URIOSTE, diretora de Sustentabilidade do Walmart Brasil.



Do ponto de vista filosófico, não há como a pecuária e o consumo de carne serem sustentáveis. O Instituto Nina Rosa trabalha pela educação da sociedade, com foco na valorização da vida animal, que, muitas vezes, é visto como uma mercadoria, que pode gerar subprodutos – como o leite, os ovos e a pele. No entanto, os animais são seres vivos com tanto direito à liberdade quanto o ser humano.

A forma com que os animais são tratados nos abatedouros é horrível. Fala-se do “abate humanitário”, que é uma farsa. Para o animal, que vive enclausurado e sob estresse, não faz diferença. O sofrimento pelo qual ele passa é muito grande. Lembrando que grande parte dos abatedouros não passa por nenhum tipo de fiscalização, o que permite qualquer tipo de prática. A questão do fornecimento de leite também é cruel. As vacas ficam prenhes eternamente e os bezerros são afastados da mãe, impedindo que o animal exerça seu instinto materno.

A contribuição da pecuária para o aquecimento global, por meio do desmatamento e das emissões de CO<sub>2</sub> e metano, e a quantidade gigantesca de água que é consumida – e exportada –, também são fatores de insustentabilidade dessa cultura.

É perfeitamente possível viver sem consumir carne ou produtos de origem animal. Trata-se apenas de assumir uma postura de não agressão. O feijão, o arroz e as castanhas têm proteína. Eu sou vegetariana há 30 anos e vegana há 15.

NINA ROSA JACOB, ativista e presidente do Instituto Nina Rosa – Projetos por Amor à Vida, produtora de vídeos e livros sobre direitos dos animais.

Faça revisões em seu veículo regularmente.



**TÃO IMPORTANTE  
QUANTO SABER  
FAZER UM PNEU  
É SABER DESFAZER  
UM PNEU.**

É com esse pensamento que a Goodyear há 13 anos trabalha como associada da ANIP (Associação Nacional das Indústrias Pneumáticas), com o objetivo de dar destinação correta aos pneus sem condições de uso. Em 2007, em decisão conjunta com a ANIP, foi fundada a Reciclanip, uma entidade sem fins lucrativos, para cuidar exclusivamente das ações de coleta e reciclagem de pneus. E assim mais de 1,2 milhão de toneladas de pneus já foram transformados em asfalto ecológico, solas de sapato, tapetes de carro, combustível para fornos de cimenteiras, entre outros novos reúsos. Esse é apenas um dos esforços da Goodyear na busca por produtos, processos e relacionamentos cada vez mais sustentáveis.

A Goodyear  
acredita que  
todo pneu pode  
rodar mais.

**GOODYEAR**

Viva Nas Asas Da Goodyear

*parece sonho.  
mas é tecnologia, é inovação,  
é sustentabilidade, é aqui.*

Setembro de 2010: A Braskem inaugura a maior fábrica de Eteno Verde do mundo. E realiza o sonho de produzir, em escala industrial, o Plástico Verde feito a partir da cana-de-açúcar.

Muito mais do que a inauguração de uma grande fábrica, o grande marco da indústria química a favor do meio-ambiente vem do Brasil: um Plástico Verde feito da cana-de-açúcar, fonte natural e renovável. Uma inovação que hoje é real graças a um novo jeito de olhar para a química e enxergar a indústria, a vida, o futuro. O mundo sonhou. E a Braskem fez acontecer.

**Braskem**  
Novas formas de ver o mundo